

ALGUMAS CARTAS INÉDITAS DE SENA FREITAS - *Vanda Anastácio*

Apesar de se tratar de uma figura hoje quase esquecida, o Padre Sena Freitas (1840-1913) foi autor de uma vastíssima obra e teve um papel activo em defesa do Catolicismo numa das épocas mais conturbadas da História da Igreja em Portugal. Este eclesiástico foi um autor extremamente produtivo, que se dedicou intensamente à escrita entre 1873 e 1910¹, tendo legado à posteridade uma extensa obra, composta por livros, traduções e centenas de textos de intervenção. Colocando-se, durante toda a vida, incondicionalmente, do lado da ortodoxia católica, este padre lazarista defenderá, nas suas obras, as posições desta. Porta-voz da doutrina e das orientações pastorais da Igreja, Sena Freitas não se cansará de insistir em pontos-chave do discurso ideológico da época, como a reivindicação do direito do clero a intervir na sociedade, a luta pelo direito à existência de congregações religiosas, a proposta de melhoria da qualidade da educação sacerdotal, etc., atacando, simultaneamente, o materialismo em geral e as correntes desviantes do Catolicismo, como o Protestantismo, o Positivismo, o Espiritismo, o «Indiferentismo Católico», etc.

Envolvido na luta pela defesa destes pontos de vista, Sena Freitas usou amplamente os meios de comunicação de massa ao seu alcance na época (o livro, o opúsculo e o jornal) e tomou parte, em Portugal e no Brasil, em polémicas que tiveram repercussões na imprensa dos dois países. Tratou-se de disputas relativas não apenas a questões eclesiásticas (em 1875, contra a peça *Os Lazaristas* de António Enes; em 1902, contra Emídio Navarro com a obra *As 'Novidades' no Pelourinho*; em 1878-79, saindo em defesa dos jesuitas com a tradução da obra de Paul Féval *Jesuitas!* e, em 1881, publicando o texto irónico intitulado *Representação aos poderes públicos do país*

¹ Esta data é a do último texto impresso que conhecemos da sua autoria, ainda que Sena Freitas possa ter escrito, possivelmente, até à morte. Segundo alguns dos seus biógrafos teria falecido sentado à sua mesa de trabalho, traduzindo os Evangelhos.

contra os jesuítas) como, também, a questões teológicas (foi o caso dos artigos que publicou, em 1879, contra o Padre Guilherme Dias, um ex-sacerdote católico que passara a ser ministro metodista e criticara a Pastoral do bispo do Porto ou, em 1910, contra Emílio Bossi, que havia publicado a obra *Cristo nunca existiu*) e, ainda, a propósito de obras literárias de escritores portugueses e brasileiros seus contemporâneos (em 1886, contra o *Anti-Cristo* de Gomes Leal; em 1887, contra *A Velhice do Padre Eterno* de Guerra Junqueiro; em 1887, contra o Padre José de Almeida e Silva, que o censurara a propósito do *Perfil de Camilo Castelo Branco* e, em 1888, contra o romance *A Carne* de Júlio Ribeiro).

No âmbito da investigação sobre a personalidade e a obra deste autor levada a cabo pelos membros da equipa do «Projecto Sena Freitas», integrado no *Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira da Universidade Católica de Lisboa*, foram localizados, identificados e transcritos diversos documentos inéditos². Entre estes, conta-se um pequeno núcleo de cartas missivas, enviadas pelo padre a diversas personalidades, acompanhadas, em casos pontuais, da resposta que suscitaram dos seus destinatários. O *corpus* que aqui se apresenta resulta de pesquisas efectuadas em cinco acervos arquivísticos: o *Centro de Estudos Camilianos* (sigla: *CEC*), sediado em Vila Nova de Famalicão (materiais localizados pelo Professor Luís Machado de Abreu e por Vanda Anastácio), o *Arquivo Nacional da Torre do Tombo* (sigla: *ANTT*), em Lisboa (materiais localizados por Vanda Anastácio e por Ana Cristina Cardoso Costa Gomes), o *Real Gabinete Português de Leitura* (sigla: *RGPL*) no Rio de Janeiro (materiais localizados por Vanda Anastácio com o apoio do «Polo de Pesquisas sobre Relações Luso-Brasileiras» daquela instituição), a *Fundação Biblioteca Nacional* (sigla: *FBN*) do Rio de Janeiro (materiais localizados por Paulo de Assunção e por Luís Machado de

² Para além dos que aqui publicamos, vejam-se os que se incluem no trabalho de Ana Cristina Cardoso C. Gomes e José Manuel Correia Fernandes «Duas cartas inéditas do Padre Sena Freitas» *Revista da Universidade dos Açores* (no prelo).

Abreu) e o *Arquivo da Congregação da Missão (Lazaristas)* em Lisboa (pesquisa realizada por Luís Machado de Abreu). Este conjunto de documentos atesta aspectos da relação do Padre Sena Freitas com alguns escritores e homens de cultura seus contemporâneos, em épocas diferentes da sua vida.

Assim, as missivas que aqui publicamos com os n.ºs 1 e 2, do ano de 1873, correspondem ao período em que o padre lazarista, recém-chegado do Brasil, dá os primeiros passos, em Portugal, na sua carreira como escritor. Como se verifica a partir destas duas primeiras cartas, o ex-missionário terá procurado António Feliciano de Castilho, invocando o facto se tratar de um velho amigo de seu falecido pai³. Estes documentos vêm lançar nova luz sobre a polémica pública que opôs Castilho ao jovem José Joaquim, conhecida dos biógrafos, apenas, graças aos artigos surgidos na Imprensa, em 1873, nos quais António Feliciano de Castilho procura demarcar-se ideologicamente de Sena Freitas, e se insurge com o facto de o seu nome ser mencionado no frontispício da tradução que este fizera da obra de Henri Lasserre, *O Evangelho segundo Renan*⁴. Sabia-se que o clérigo respondera, também, publicamente a estes artigos⁵, mas desconhecia-se a troca de correspondência que os antecederá.

³ O pai de Sena Freitas foi Bernardino de Sena Freitas, escritor, arqueólogo e historiador, fidalgo da Casa Real, Comendador da Ordem de Cristo e sócio da Academia das Ciências de Lisboa, tendo falecido em Outubro de 1872.

⁴ Trata-se da obra de Henri Lasserre traduzida por Sena Freitas, *Evangelho segundo Renan ou Refutação da Vida de Jesus d'este Auctor por Henrique Lasserre, opusculo livremente trasladado a portuguez da 25ª edição francesa e annotado pelo Padre J. J. Senna Freitas sob os auspícios do Snr. Visconde de Castilho*, Porto, Typographia da «Palavra», 1873. Sena Freitas não se refere a António Feliciano de Castilho apenas no título da obra, dizendo mesmo, no prefácio intitulado «Uma palavra do tradutor» o seguinte, p. 4: «N'este empenho, foi-nos de valiosíssimo prestimo a critica de todo o poncto intelligente e magistral do nosso primeiro artista de lingua vernacula, o exmo snr. Visconde Antonio Feliciano de Castilho, com quem muitas vezes privámos em assumptos de lingua portugueza, e a quem advem o mais real valor a que possa ter jus o modesto trabalho do tradutor.» Em resposta a esta publicação, António Feliciano de Castilho publicou um texto de protesto pela utilização do seu nome em jornais como o *Diario da Tarde* do Porto, (Setembro de 1873), *O Primeiro de Janeiro*, n.º 203, Setembro de 1873 e no *Diário Illustrado*, n.º 424, 2.º ano, 9 de Setembro de 1873.

⁵ Sena Freitas respondeu com o texto «Explicações» publicado em *A Palavra*, 2.º ano, n.º 347, 25 de Setembro de 1873 e reeditado com o título: «Carta ao Snr. Visconde de Castilho» na obra *Escreptos Catholicos d'Hontem*, Guimarães, Livraria Internacional de Teixeira de Freitas Editor, 1877 e, também, com um outro texto, publicado como carta aberta, no *Diario Illustrado*, 2.º ano, n.º 424, de 9 de Outubro de 1873.

A relação estabelecida, dez anos depois (em 1883), com o filho do primeiro Visconde de Castilho, era desconhecida. Mas estes materiais (aqui com os n.ºs 3 e 4) vêm chamar a atenção para a existência de, pelo menos, uma confluência de ideias entre ambas as personagens, no que diz respeito ao Catolicismo assumido por Júlio de Castilho e ao seu possível interesse pelas Conferências de São Vicente Paulo. Tal como a carta a Ernesto Sena, (com o n.º 28) estes textos ilustram, também, uma das facetas mais notórias do carácter do Padre Sena Freitas, a saber, a permanente busca de apoios, junto de personagens influentes, para a causa dos católicos e do Catolicismo.

As cartas enviadas a Camilo Castelo Branco são mais numerosas (n.ºs 5 a 24) e vêm confirmar e completar as informações conhecidas acerca da relação que ambos mantiveram, praticamente até à morte do escritor⁶. Tanto quanto se sabe, a partir do relato feito pelo próprio Sena Freitas na obra *O Perfil de Camilo Castelo Branco*⁷, o primeiro encontro entre os dois ter-se-á dado no ano de 1874, por iniciativa do sacerdote, que se apresenta em casa de Camilo, na Foz, recordando a memória de seu pai e conversando com o, já então famoso, escritor de Seide, sobre o seu primeiro livro: o *Evangelho segundo Renan* que tanto havia irritado Castilho⁸. Seja como for, o encontro com o autor do *Amor de Perdição* parece ter resultado melhor, ainda que fiquemos com a ideia de que Camilo Castelo Branco manteve, apesar da cordialidade com que sempre o tratou, um certo distanciamento em relação às ideias do sacerdote⁹.

⁶ A admiração de Sena Freitas por Camilo perdurou para além da morte deste, como se verifica pelo texto «Camillo Castello Branco» incluído pelo eclesiástico no volume II das suas *Luctas da Pena*, Lisboa, Typografia da Casa Catholica, 1902, pp. 203-204.

⁷ José Joaquim de Sena Freitas, *O Perfil de Camillo Castello Branco*, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron Lugan & Genelioux, Successores, 1888.

⁸ Como afirma o próprio Padre Sena Freitas, *Op. cit.*, pp. 12-13: «A recordação das antigas relações de Camillo Castello Branco com meu fallecido pae servio-me de carta credencial para me apresentar ao grande escriptor.» e, mais adiante, na p. 17: «Já me conhecia pelo meu primeiro delicto litterario que commetti, uma traducção do francez, revista pelo fallecido Visconde de Castilho.»

⁹ Camilo Castelo Branco refere-se ao sacerdote em diversas ocasiões, *Noites de Insónia. Offerecidas a quem não pode dormir*, Porto, Chardron, 1874, onde, na p. 65 apesar das palavras elogiosas que lhe dirige, sublinha, quanto aos juízos deste acerca dos efeitos nefastos dos romances no espírito dos leitores: «Acato a opinião do snr. Senna Freitas, quanto ás novellas descriptivas da vida contemporeana; mas desliso da severidade do seu juizo. Creio que assim como os bons e moralissimos romances não morigeram,

Este ponto de vista parece ser confirmado pelas duas missivas enviadas, em data próxima de 1886, por Guerra Junqueiro, a Camilo, (aqui com os n.ºs 25 e 26) que sugerem um malentendido ocorrido entre estes, por ocasião da crítica realizada por Sena Freitas na obra *Autópsia da Velhice do Padre Eterno*¹⁰. Com efeito, trata-se de cartas de reconciliação, através das quais se depreende que o autor residente em Seide teria deixado claro que não partilhava das ideias do eclesiástico acerca do livro *A Velhice do Padre Eterno* de Guerra Junqueiro.

Extremamente interessantes para entender a personalidade e o percurso ideológico do Padre Sena Freitas são as duas missivas aqui com os n.ºs 29 e 30, que transcrevemos a partir de cópia manuscrita dos Arquivos da Casa Mãe dos Lazaristas. Foram dirigidas pelo eclesiástico de que aqui nos ocupamos aos Superiores da Congregação de que fez parte, em épocas diferentes. A primeira carta, datada de 1872, na qual o jovem José Joaquim anuncia a morte recente de seu pai e solicita a sua transferência para Felgueiras por motivos de saúde, documenta o que parece ser o início da sua actividade como escritor, uma vez que inclui, também, um pedido de autorização

também os immoraes não desmoralisam.» Também nos *Eccos Humorísticos do Minho*, Porto e Braga, Ernesto Chardron, 1880, p. 9-10 se refere a Sena Freitas com um misto de admiração elogiosa pelo modo como vive a vocação sacerdotal e de indulgência incrédula nos resultados do ardor apostólico do padre quando diz, por exemplo: «Ai de mim! Eu desconfio que o não ouviram os indígenas, que me teem de lá ameaçado com bengalas. Creio que o meu querido Senna Freitas não prégou a estes selvagens, um pouco dealbados pela brocha da sciencia moderna.» Outras menções ao Padre Sena Freitas na obra de Camilo de encontram em «Jesuitas! Por Paulo Féval» *Narcóticos*, 1882, tomo II, onde comenta o lado polemista do clérigo, quando afirma, na p. 81: «O traductor d'este livro é conhecido como vigoroso prosador e polemista de apertar os adversarios, sorrindo entre dous adjectivos. Se em vez de seguir o ministerio sacerdotal, Sena Freitas se empégasse nos marneis das letras profanas, seria um escriptor humoristico, mordente e, ao mesmo tempo, exemplar das mais classicas e coloridas graças portuguezas.» Camilo faz também referência ao mesmo padre no «Discurso Proemial» da obra *Maria da Fonte*, Lello & Irmão, com idêntico distanciamento ideológico quando diz, na p. 8: «[...] ele estuda e sabe tudo quanto a Natureza de Luscrécio destilada nos alambiques da quimica, e granulada em miudezas de ciência pode ensinar e fosforear na massa cerebral. E a exuberancia do que aprendeu é tamanha que o padre Senna Freitas está convencido de que há Deus e que a alma é imortal.»

¹⁰ Acerca da crítica feita por Sena Freitas a esta obra de Guerra Junqueiro diz Inocêncio Francisco da Silva no *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo XX, Lisboa, Imprensa Nacional, p. 78: «Sem empregar phrases offensivas, o rev. Padre Senna Freitas (actualmente conego da Sé patriarchal de Lisboa), que é aliás escriptor estudioso, correcto e mui erudito, dá, o que vulgarmente se diz, uma sova no auctor, condemnando-o severamente pela compisção, que julga muito e muito inferior ao talento brilhante do poeta, auctor glorificado da *Morte de D. João*.» A polémica deu ainda origem a outra obra, referida por Inocêncio, da autoria de Martina Carolina Bulhões Maldonado, *Duello de morte. Critica aos livros de Guerra Junqueiro e Padre Senna Freitas*, Lisboa, Typographia Commercio, 1900.

para escrever e publicar opúsculos religiosos destinados à instrução religiosa do povo português e brasileiro. A segunda, enviada dez anos mais tarde, fornece pistas para compreender os motivos que terão levado, por duas vezes, à interrupção do convívio do Padre Sena Freitas com a comunidade dos lazaristas e, até mesmo, à recusa desta congregação em aceitá-lo no seu seio em data posterior a 1910. Como se depreende do texto aqui com o nº 30, Sena Freitas pretendia gozar, dentro dos lazaristas, de um regime de excepção, facto que nem sempre foi encarado com bons olhos pelos seus superiores.

Resta-nos aqui agradecer a todos aqueles que nos auxiliaram, abrindo as portas das instituições onde se preservam estes materiais. Destacamos de entre estes, as Professoras Doutoradas Gilda Santos e Ida Ferreira Alves do «Polo de Pesquisas sobre Relações Luso-Brasileiras» do Real Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro, bem como o Presidente desta instituição, Dr. Gomes da Costa, pela autorização que nos concederam para consultar estes materiais e pela ajuda preciosa na localização destes, ainda em fase de catalogação. Devemos ainda uma palavra de agradecimento ao Director da Casa de Camilo, Professor Doutor Aníbal Pinto de Castro, ao Director do Centro de Estudos Camilianos, Dr. José Manuel Oliveira e, muito especialmente, à Bibliotecária do Centro, Sr^a D. Armanda Pereira, que nos guiou na nossa pesquisa do acervo camiliano com um conhecimento profundo dos fundos e uma disponibilidade inesquecíveis. Por fim, não podemos deixar de referir o apoio dado pelos responsáveis pelo Arquivo da Congregação dos Lazaristas a Luís Machado de Abreu, bem como a ajuda inestimável da Dra. Teresa Peralta, que se prontificou a transportar as reproduções dos materiais pertencentes à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, para Portugal.

Os Documentos:

As cartas que aqui se publicam foram escritas ao longo de um extenso período de tempo (entre 1873 e uma data posterior a 1910) que corresponde aos anos em que José Joaquim de Sena Freitas se dedicou mais intensamente à escrita. Redigidas de vários lugares (Abragão, Felgueiras, Lisboa, Braga, Marco de Canavezes, Jundiaí, São Paulo) reflectem, indirectamente, o frequente deambular do seu autor pelo mundo. À diversidade de lugares e de destinatários corresponde a diversidade dos suportes utilizados, condicionada pela sua disponibilidade nos vários locais por onde passou. Um aspecto digno de nota, contudo, diz respeito ao papel timbrado a que José Joaquim recorre quando se encontra no Colégio de Santa Quitéria, em Felgueiras e no Colégio que fundou em Jundiaí com o seu nome. De facto, trata-se de papéis muito semelhantes, idênticos na cor e no timbre, o que nos leva a suspeitar de que, no Colégio que criou no Brasil, Sena Freitas tenha procurado repetir (quanto mais não seja a nível do papel) o modelo de Felgueiras (Ver **Apêndice 1**).

O exame atento das cartas aqui em estudo revela que houve, da parte do seu autor, a preocupação de voltar a lê-las e de lhes introduzir pequenas emendas antes do envio. Trata-se geralmente de modificações de pormenor, de tentativas de melhorar a correcção gramatical da frase ou de introduzir pormenores omitidos no primeiro jacto de escrita, que mencionamos em nota.

Crítérios de Transcrição dos Autógrafos

A fixação dos textos de Sena Freitas que aqui se apresenta orientou-se pelo desejo de tornar legível a sua obra ao leitor de hoje, procurando ser, simultaneamente, respeitadora do estado da língua da época e fiel à última vontade do autor em relação aos seus textos. Assim, limitámo-nos a intervir sobre pormenores sem valor fonético ou fonológico específico, alterando as grafias dos documentos compulsados do modo seguinte:

Desenvolvemos as numerosas abreviaturas que figuram nos originais e procedemos à separação e reunião de palavras ou partes de palavra segundo o uso moderno. Do mesmo modo separámos os pronomes enclíticos e mesoclíticos do verbo segundo a norma actual (escrevemos, por exemplo, *tê-lo* em vez de *tel-o*, *estima-lo-ia* em vez de *estimal-o-hia*, etc.) e colocámos em itálico as palavras, títulos e passos sublinhados nos originais.

Dado que nos pareceu não oferecerem dificuldade à leitura e à compreensão por parte do leitor moderno, decidimos manter grande parte dos acidentes textuais que encontramos nos autógrafos de Sena Freitas. Conservamos, pois, a divisão em parágrafos, a pontuação, as maiúsculas, limitando-nos a regular em conformidade com a norma actual a acentuação, rara nos originais e a sublinhar os títulos de obras citadas e as palavras em francês e inglês que incluí nos seus textos.

Quanto à ortografia, eliminámos as consoantes duplas <-cc->, <-ff->, <-ll->, <-mm->, <-nn->, <-pp->, <-tt-> (escrevendo, por exemplo, *aceitar* por *acceitar*, *oferecer* em vez de *offerecer*, *falar* em vez de *fallar*, *imediatamente* em vez de *immediatamente*, *pena* em vez de *penna*, *letras* em vez de *lettras*, etc.). Modernizámos também o emprego do <-h-> eliminando-o de palavras onde hoje não figura e colocando-o naquelas onde hoje é obrigatório, e decidimos eliminar as grafias etimológicas e pseudo etimológicas em desuso na actualidade. Do mesmo modo suprimimos o <-y->, substituindo-o por <-i-> (escrevendo, por exemplo, *miopia* em vez de *myopia*, etc.) e regulámos pela ortografia moderna o emprego de <-g-> e <-j->, <-x-> e <-ch->, <-s-> e <-z-> na fixação das fricativas palatais surdas e sonoras, bem como o de <-s->, <-c->, <-ç->, <-ss->, <-z-> e <-s-> para a transcrição das sibilantes surdas e sonoras.

Intervimos também a nível das grafias das contracções de preposições, pronomes, artigos ou demonstrativos observadas (como, por exemplo, em *n'este*, *n'uma*, *d'um*, *d'aquella*, *dá-m'ó*, *deu-lh'as*, *supplico-lh'ó*, etc.) que normalizámos, e o mesmo fizemos relativamente à transcrição dos ditongos nasais (grafando *Guimarães* em vez de *Guimaraens*, por exemplo) e orais (*decidiu* em vez de *decidio*, *Manuel* por *Manoel*, *heroi* por *heroe*, *morais* por *moraes*, etc.) os quais apresentam grafias oscilantes nos documentos que compulsámos (<-aens-> e <-ães->; <-ior- e <-eior->; <-iar-> e <-eiar->; <-oem->, <-õe-> e <-õem->, etc.).

No intuito de respeitar o estado de língua da época de Sena Freitas e o seu modo particular de usá-la, decidimos manter os casos de polimorfismo os arcaísmos lexicais (como *arrecear*, *ajuntar*) e, de um modo geral, as particularidades características de

hábitos de escrita do autor (referimo-nos a casos de elisão de vogais que ocorrem nos autógrafos em expressões como: *ninho d'águia, que me vai n'alma*, etc.).

Quanto aos documentos redigidos pelo amanuense de António Feliciano de Castilho bem como os dois autógrafos Guerra Junqueiro, que apresentam problemas semelhantes, procedeu-se do mesmo modo.

Carta de Sena Freitas a António Feliciano de Castilho e resposta deste:

1.

[ANTT: Castilho, Cx 5 M. 3 Doc 11]

Colégio de Santa Quitéria de Felgueiras (província do Minho), 28 de Julho de 1873

Exm^o Senhor Visconde de Castilho

Socorrendo-me apenas à tão atenciosa estima que V. Ex^a me manifestou como sombra ao menos dum velho amigo seu já falecido (que outro mérito não posso ter a seus olhos), tomo a liberdade de oferecer a V. Ex^a um exemplar dum pequeno Discurso que ultimamente pronunciei na Cidade de Braga, por ocasião do 27^o aniversário da Ascensão ao sólio pontifício de Pio IX, que comemorou a Associação Católica da dita Cidade.

Dar-me-ei por demasiado retribuído desta mínima oferta, se V. Ex^a se dignar acusar a sua recepção, | [p. 2] e censurasse esse pobre trabalho com a crítica franca e severa com que censuraria o trabalho dum amigo.

Está concluída a publicação feita na *Palavra* da minha tradução do «Evangelho segundo Renan, etc.» que V^a Ex^a teve a extrema bondade de corrigir. Tive o gosto e a honra de declará-lo no frontispício da referida publicação. Como fosse feita em periódico, resta reduzi-la à forma de folheto, e logo que isto se execute, dar-me-ei pressa de remeter um exemplar a V.^a Ex^a, a quem devo o que pode haver de bom na minha despretenciosa tradução.

Tenho a honra de | [p. 3] me dizer e assinar,

De V. Ex^a

Servo inútil e Atento Venerador

P^o José Joaquim Sena Freitas

[ANTT: Castilho, Cx 5, Maço 3, Doc 5]

Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor Padre Sena Freitas

Lisboa, 31.7.1873

Agradeço-lhe o ter-me contemplado na distribuição do seu *Discurso pronunciado na 1ª academia da Associação Católica de Braga*.

Ouviu-o [*sic*] com a devida atenção, e não posso recusar o merecido louvor à ombridade com que Vossa Senhoria Reverendíssima manifestou neste papel as suas convicções, e as utopias dos seus desejos.

Como verdadeiro liberal que me prezo de ser, e de ter sido sempre, respeito todas as alheias crenças, até as mais excessivas, quando sinceras e inofensivas, como no presente caso me parecem as de Vossa Senhoria Reverendíssima, e nada mais me cabe dizer nesta matéria.

Quanto porém à tradução¹¹ do livro francês, feita e já publicada por Vossa Senhoria Reverendíssima, | [p. 2] em resposta ao do Snr. Ernesto Renan, devo declarar positivamente a realidade dos factos, aliás tão sabidos de Vossa Senhoria Reverendíssima, como de mim próprio.

Quando Vossa Senhoria Reverendíssima me fez a honra e mercê de me procurar para ouvir a sua versão, e dar-lhe sobre ela o meu parecer, correspondi como pude e soube a tão generosa cortesia, mas o meu juízo versou todo e unicamente sobre a vernaculidade da linguagem, o acerto e a propriedade do estilo. Quanto à parte argumentativa do escrito, abstive-me severa e escrupulosamente de manifestar nem sombra de opinião, nem eu teria espécie alguma de autoridade ou crédito em que a fundar; quanto a isso, assisti da trincheira ao duelo, com a absoluta neutrali- | [p. 3] dade; deixei correr libérrimo entre os dois campeões o juízo de Deus, e com isso, que é o que sempre farei em casos idênticos ou semelhantes, em conformidade com os meus princípios de liberdade e tolerância, me ficou tranquila a consciência.

Esta abstenção discreta e conscienciosa, hábito meu, já de muitos anos, quando se trata de materias em que me não reputo competente para juiz, nem que me reputara o quisera ser, é que desejo que fique bem assente como verdade, para quem ler o livro de Vossa Senhoria Reverendíssima.

¹¹ [á tradução] acrescentado na entrelinha superior com chamada para o local que deveria ocupar.

É uma justiça que eu lhe suplico, e lhe agradecerei como grande favor.

Tenho a honra de me assinar

De Vossa Senhoria Reverendíssima

Atento Amigo e servo muito obrigado

António Feliciano de Castilho [*ass. autógrafa*]

Cartas de Sena Freitas a Júlio de Castilho:

3.

[ANTT: Castilho, Cx 5 M. 3 doc 11]

Lisboa, Colégio de Nossa Senhora da Conceição

Meu Caro Visconde

Mil vezes obrigado pelas suas palavras amáveis. Os olhos da amizade vêem tudo côr de rosa. Perdoe-me que só agora respondesse à sua. Se atendesse apenas à consideração que me merecem as suas letras, respondia-lhe no mesmo momento em que as recebi; mas esta minha vida!... Mal tenho tempo para comer mal. No dia 29 tenho de falar outra vez no Congresso. Item, tenho de pregar em uma igreja no dia 1º de julho, em Belas no dia 8. Ao mesmo tempo [p. 2] preparo uma biografia do popularíssimo e admirável padre português - Beirão, o fundador das Irmãs Hospitaleiras. Não falo das outras e mais obrigações deste colégio. Ainda assim, a minha saúde actualmente é sofrível. E V. Ex^a como passa, depois de uma estada no Algarve? Experimentou beneficio positivo com ela? Folgarei abraçá-lo *breve*.

Creia V^a Ex^a na muita simpatia e elevado apreço do que tem a honra de assinar-se

25/5/83

De V^a Ex^a

Muito e Atento Venerador e Amigo

Padre Sena Freitas

4.

[ANTT: Castilho, Cx. 20 M. 3 doc 5]

Exm^o Amigo e Senhor

Atendendo aos nobilíssimos sentimentos e ao espírito altamente cristão de V. Ex^a, ousei, mesmo sem o consultar, propô-lo para sócio *efectivo* da «Conferência de São Vicente de Paulo» em Lisboa¹², cujo fim é o socorro dos pobres em domicílio – *Contra a praxe* da conferência que exige que se tomem primeiro informações sobre o proposto, V. Ex^a foi imediatamente e unanimemente admitido em virtude da minha informação.

O local das reuniões semanais é em São Luís | [p. 2] de França; o dia às sextas feiras, a hora às 7 e meia precisas da tarde.

Remeto a V. Ex^a o *Regulamento*, pelo qual ficará conhecendo bem qual o fim, organização e meios da Conferência.

Eu parto amanhã para Mondariz na Galiza, onde vou tomar as águas gasosas. Volto em fins de fevereiro.

Com um cordialíssimo abraço me assino

De V.^a Ex.^a

Servo e Amigo em Jesus Cristo

P^o Sena Freitas

Na p. 3, na vertical, figura a inscrição seguinte:

«Recebida em Lisboa na tr. De André Valente N. J. – na tarde de Domingo 19 de Agosto de 1883 Júlio de Castilho»

Cartas de Sena Freitas a Camilo Castelo Branco:

5.

[*RGPL* Carta 2]

10/11

Ex^{mo} Amigo e Senhor

Já há mais tempo devia eu ter respondido à lisonjeira cartinha de V. E^{xa} – Féval e Chardron são quem tem a culpa. Hei-de apresentar o 2^o volume pronto até ao fim deste mês, possa... ou não possa.

Tribulações da gente da pena, que V. E^{xa} conhece infinitamente melhor do que eu.

Se assinto com V. E^{xa}! A mesmíssima cousa tinha eu notado logo ao ler da 1^a vez a obra de Féval. Também a mim me pareceu em extremo *shocking* que Féval

¹² [em Lisboa] *acrescentado* a posteriori na *entrelinha superior*.

ousasse fazer-se eco da (singelíssima) palestra dirigida por Santo Inácio de Loyola aos seus primeiros discípulos, na [p.2] capela de Montmartre. Coitado! Desapontou o alvo. A linguagem dos santos nem se supõe nem se imita, por isso concordo plenamente com V. E^{xa} que a edição da dita palestra, de Féval, destoa bastante da primeira e autêntica. Melhor fora que deixasse a cada um «ouvir» como pudesse «a palavra de Inácio através da distância e do tempo.»

Agora pelo que toca ao descuido do «tom de piedade», que no tal autor se nota, permita-me V. E^{xa} ¹³discrepar *un tantinnetto* do seu aliás para mim, sempre apreciado sentir. Não era para as comunidades religiosas nem para os pios que ele escrevia, mas para aquela rapaziada inexperiente e ainda não gafada [p. 3] que vive entre o Café e o romance-propaganda, e aprende história por Eugène Sue e Michelet. Para esses e quejandos o estilo ascético ou ainda simplesmente sezudo seria um espantinho, uma dose de láudano pelo menos; sabe-lhes¹⁴ melhor a pimenta e o sumo de limão do folhetinista; além de que, para o paladar também, pelos modos, há moda como para o fato, e hoje a moda na literatura ligeira dá a preferência àquele estilo entre humorístico e incisivo. Famoso modelo *du genre* são as notas da tradução da «Formosa Lusitânia» talvez ainda não conhecida de V. E^{xa}...

Absolva-me V. E^{xa} da talvez inépcia disso que para aí disse, [p. 4] pela amiga lisura com que lho disse este que se ufana de assinar-se

De V. E^{xa}

Muito e Muito Devedor e criado Obrigadíssimo

P^e José Joaquim Sena Freitas

Já que buli na «Formosa Lusitânia», deixe-me V. E^{xa} agradecer-lhe aquela nota impagável das suas estrelas (c**), que me fez rir como há muito tempo me não lembro.

6.

[RGPL Carta 1]

Colégio de Santa Quitéria de Felgueiras

Ex^{mo} Amigo e Senhor

6/20/77

Não venho perguntar a V. E^{xa} se está totalmente restabelecido dos seus incómodos, porque, regulando-me por mim mesmo, outro inválido d' há oito anos, sei

¹³ V. E^{xa}] acrescentado a posteriori pelo autor na entrelinha superior, com a mesma tinta.

¹⁴ sabe-lhes] resultado de alteração da redacção anterior ilegível, emendada por sobreposição.

que não há melhor mordente que... os males crônicos. Desejarei, ao menos, que não haja o mínimo aumento nos¹⁵ sofrimentos de V. E^{xa}.

Já vi anunciado no último número do *Commercio do Minho* o primeiro fascículo da tradução de Villefranche, prefaciada por V. E^{xa}. Folgo imenso com a tradução desta belíssima obra, tra | [p. 2] dução, de mais a mais, feita debaixo dos olhos de V. E^{xa}. Vou já assinar-me, e atirar-me sôfrego ao prefácio. É impossível que V. E^{xa} não diga muito bem de Pio IX, e o não diga muito bem. Tudo quanto V. E^{xa} ultimamente disse sobre as Ordens religiosas foi reproduzido em todos os jornais católicos do reino, e fez reconhecer aos olhos dos *desconfiados* o autor das «Horas de Paz» e da «Divindade de Jesus Cristo»... e a imprensa realista *do momento* rabiou que nem um tubarão fora d'água, desesperada de que V. E^{xa} pensasse como Garrett e A. Herculano sobre o *maldito* jesuita e a maldita *fradaria*, na linguagem vasconça dos ineptos.

Está por dias a sair à luz um pobre livro, intitulado «Escritos | [p. 3] d'ontem» por um pobre Sena Freitas. Permita V. E^{xa} que eu tenha o gosto de lho ofertar, logo que o feto descasque.

O editor é o Teixeira de Freitas da Guimarães. A propósito deste: consta-me que a D. Guiomar Torresão contratou com ele a impressão de um opúsculo, acrescentando que o enriqueceria uma carta ante-prefacial do meu bom Amigo: o editor principiou a impressão, mas a carta aludida não lhe foi por ora enviada, e o homem escreve à D. Guiomar, declarando-lhe terminantemente que não continua a impressão, nem lhe paga, enquanto ela não cumprir o prometido. É pouco delicado, porém *la chose en est la*; o Teixeira meteu os pés à parede, e disse. Parece-me provável que a es- | [p. 4] critora da rua de São Bento não faria tal promessa ao editor, se não tivesse feito¹⁶ primeiro alguma combinação com V. E^{xa} a respeito da dita carta; mais provável me parece ainda que só os incómodos e a faina literária, sempre enorme, de V. E^{xa} o inibiram até agora de mandar¹⁷ à D. Guiomar as preciosas duas¹⁸ linhas em forma de carta, com que ela conta. Mas eu ousou vir pedir, rogar, e conjurar a V. E^{xa} que lhas envie, atentas as circunstâncias críticas em que a escritora *pobre* se vê colocada. É pessoa da minha amizade, e até de meu parentesco. Intercedo por ela perante outra pessoa que me honra

¹⁵ nos sofrimentos] resultado de alteração da redacção inicial seus sofrimentos riscando posteriormente seus e continuando no alinhamento.

¹⁶ feito] palavra acrescentada a posteriori na entrelinha superior com chamada para o lugar que deveria passar a ocupar.

¹⁷ mandar] palavra acrescentada a posteriori na margem direita antes de à pelo autor.

¹⁸ duas] resultado de emenda por sobreposição de redacção anterior ilegível.

com o provado testemunho de uma nobre simpatia. O coração d'amigo diz-me que V. E^{xa} já me respondeu afirmativamente.

Sou de V. E^{xa}

Muito Atento Servidor, servo gratíssimo

P^c Sena Freitas

releve V. E^{xa} as elipses anti-gramaticais, desta cabeça sempre *ad Ephesios*. Se escrevesse segunda carta, seria ainda pior¹⁹.

7.

[RGPL Carta 5]

Ex^{mo} Senhor e meu Amigo

Já estava, por assim dizer, de pena na mão para escrever a V. E^{xa} a ver se impedia que se lhe afrouxasse o desejo de visitar esta Tebaida, quando felizmente recebi a cartinha de V. E^{xa} de 5 deste. Veio confirmar a notícia que V. E^{xa} me dera na sua penultima, o que me causou incrível satisfação. A razão da demora de V. E^{xa} em²⁰ realizar a sua vinda era tão natural que eu já a supunha, embora não pudesse ter a certeza de ser ela , a verdadeira. Era, por exemplo, possível que o deus Pã sempre cedesse aos rogos de V. E^{xa}... e então bem podia eu perder as esperanças | [p. 2] de abraçar o meu Amigo antes d'Abril. O seu Sena Freitas é que, em vez de desejar perder o movimento e a sensibilidade, receia que o tal fenómeno lhe suceda e se veja qualquer belo dia reduzido a estátua de gelo, fazendo engraçado *pendant* com a mulher de Loth. O inverno por cá tem estado de se lhe tirar o chapéu; frio, frio! Que zomba de todos os forros de grossa lã com que nos blindamos contra ele. Não desanime V. E^{xa} com a notícia, que a primavera está à porta. Eu já não faço outra coisa que não seja ver quando a cerejeira ma anuncia.

Lambi os beijos à carta em que V. E^{xa} me fala do Ramalho e do Eça. Com que então V. E^{xa} reprova o tal *priminho Basilio* «como obra d'arte»? | [p. 3] Assim devia ser, mas eu gostei imenso de que o meu Amigo mo declarasse. A urdidura ou o travejamento das peças do romance sempre também me pareceu natural (embora pouca

¹⁹ Estas linhas finais foram acrescentadas *a posteriori* pelo autor, ao alto, junto à dobra interior da p. 3 da carta.

²⁰ em] resultado de alteração de redacção anterior ilegível emendada em curso por sobreposição.

confiança tivesse no meu juízo incompetente, o que já hoje se não dá), e ainda me não parece nada vulgar o espírito de observação do autor, com que ele faz ressaír, até com um termo ou uma frase *às vezes* feliz, aqueles nadas da vida humana e do sentimento que de ordinário passam despercebidos. O resto é nojento, é uma nódoa na nossa literatura pátria, que nem a águarrás poderá fazer desaparecer. Aquele Eça deve ser por força um grande sibarita, e um babado pelas *cocottes* da airada Lisboa. Estou com sincera vontade de me deitar a ele, analisando-lhe o aborto; que lhe parece?

Até o português mascavado dele me dará um bom par de mangas para uma justa crítica literária. | [p. 4]

Quem pilhara que V. E^{xa} chegasse bem depressa! Iremos ao Dr. Casimiro, que nos fica a um tiro de espingarda do Colégio, e afianço a V. E^{xa} que se há-de regalar de o ouvir, mas há-de-me prometer de não rir às escâncaras do sebastianismo do bom ex-general, impagável em descrições de proezas.

Com a maior estima me assino

De V. E^{xa}

Muito atento servidor e Amigo grato

2/10/79

P^e José Joaquim Sena Freitas

8.

[RGPL Carta 4]

Junho – 14.

Ex^{mo} Amigo e Senhor

Como andei a pregar pelo alto Minho, desde os fins do mês passado, e ainda não recolhi a casa, não sei se lá estará á minha espera alguma carta de V. E^{xa}, ou algum cartão de seu filho Nuno, anunciando-me o *casamento realizado*; todavia, como tive notícia deste em Braga, apresso-me a dar os mais sinceros parabéns a V. E^{xa}, rogando-lhe os transmita a seu filho, que eu sinto não poder ir aí abraçar. Não sei quando voltarei a casa, porque me apareceu uma ferida na perna direita, que me tolhe todo o movimento. Ficarei em Braga até que ela feche, o que | [p. 2] penso se não demorará muito.

Escreva-me para aí, meu caro amigo, sim? Não sabe por certo quanto me agradam as suas letras. Acreditará V. E^{xa} que que sinto o alvoroço de um namorado quando as recebo?

Parece-me que me esqueci de acusar a recepção dos livros que V. E^{xa} teve a bondade de me enviar. Mil vezes obrigado. O Stuart Mill é precioso. A propósito, que me diz da plena conversão de Emílio Littré ao catolicismo? É uma notícia confirmada já três vezes no *Figaro*, espalhada por muitos outros jornais estrangeiros, e que o mesmo Pinheiro Chagas reconhece por | [p.3] incontestável no nº 17 do «Jornal do Domingo», que tenho à vista. Littré preparou-se por seis meses para receber o baptismo, porque ainda não havia sido baptizado. Foi o P^e Huvelin que o instruiu nos rudimentos da doutrina católica. Esta notícia de um vulto imenso enche-me de um gozo inexprimível. Deus é bom!... Quantas vezes se terá dado a perros²¹ o Teófilo, perdão, o Teófobo? – Renan, diz o *Figaro*, aspergiu com água benta o féretro do seu amigo. Foi esse mesmo Renan que disse há pouco, como refere o *Univers*: «quem me restituirá as crenças de minha mãe!»

O meu livro está pu | [p. 4] blicado e à venda. Não vendo em V. E^{xa} o literato, o mestre ou o sábio, senão unicamente o amigo, tomo a liberdade de lhe oferecer um exemplar desse meu – Dia a Dia – . Se V. E^{xa} tivesse a paciência de o ler e eu estivesse a seu lado, queria beijar as páginas que acaso fizessem algum bem à sua alma, ou marginam os «pensamentos» em que o espírito do meu Amigo sentisse *à l'unisson* com o meu.

Um afectuoso *shakehands* do seu
Braga – Porta Nova – nº 3

Sena Freitas

9.

[RGPL Carta 6]

Meu excelente Amigo

Acusando a recepção das últimas linhas que V. E^{xa} teve a bondade de enviar-me (e que me fazem esperar outras *mais numerosas*) aproveito o ensejo para cumprir uma pequena missão pouco grata para mim, mas para que me dá arrojo a inalterável estima e ainda amizade com que V. E^{xa} me tem tratado.

Consta-me que V. E^{xa} pretende escrever de novo contra a Rattazzi; será exacto? A sê-lo, permite²² o meu bom Amigo que eu lhe suplique que, sendo possível desista desse propósito? Perdão, e outra vez perdão, se tanto ousar, mas creia V. E^{xa} que

²¹ «perros» - Leitura duvidosa.

²² permite] resultado de alteração da redacção inicial permita emendando o <-a> final por sobreposição

perdoando-me é à minha puríssima amizade que perdoa, muito mais que ao cavalheiro que a mim se dirigiu para que eu fosse intermediário para com V. E^{xa} nesta triste questão – Rattazzi. A mercúria que V. E^{xa} lhe | [p. 2] administrou à pobre princesa d’arribação, foi tal que parece não sofrer segunda. A verdade e o país ficaram mais que vingados, e o livro dela não passa d’ora em diante dum morto-nato. Não falo da reputação literária de V. E^{xa}, definitivamente adquirida para as nossas mais estremes glórias da língua²³, e que a leviana escritora está tão longe de poder macular como de atingir. Mas é essa reputação altamente literária que V. E^{xa} permitirá à minha cordialíssima afeição o zelar. Rattazzi é um assunto por demais somenos, e mais somenos ainda o *Portugal* dela, para que V. E^{xa} esgaste em amolga-los o ouro da sua pena.

Está fora de dúvida que V. E^{xa} matou a escritora; tanto basta; outros que lhe façam o enterro. Não faltam Urbanos²⁴. | [p. 3] Há uma miserável *clique* que garatuja na imprensa, e que espanja toda quando V. E^{xa} desce e parece dar-lhe o bordo. Nada podem os lápis e as verrinas dela, a aparência de razão, porém; de que se cobre, poderá talvez alguma cousa.

Deixar o pântano aos marrecos; a asa larga de V. E^{xa} quer a alta atmosfera e o seu olhar o sol. É nessas puras regiões da ciência, da literatura, da história pátria, da filologia – etc. que nós gostamos de contemplá-lo cá de baixo, e lá é também que o reconhecemos.

Participo a V. E^{xa} que a D. G. Torresão *já não traduz* o livro da Rattazzi. Esta parece que publicou uma carta, desculpando-se das suas leviandades. O meu Amigo havia por certo, de a ter lido. A D. Guiomar tem-me mandado muitas cartas que foram dirigidas à famosa escritora por Bispos d’Espanha, | [p. 4] por altos dignitários, e até por Paulo Féval (!) felicitando-a do seu novo enlace. Tudo isto para mim não prova, em última análise, qualquer cousa em favor da tal princesinha. Provas de cortesia são provas d’água morna.

E agora... estou eu, meio corrido do que fiz, a perguntar à minha consciência se devo arrepende-me desta carta, mas o mais que suficiente conhecimento dos

²³ língua] resultado de alteração da redacção inicial língua pátria tendo o adjectivo sido posteriormente riscado com a mesma tinta.

²⁴ Não faltam Urbanos] frase acrescentada posteriormente, com outra tinta, pelo autor.

nobilíssimos sentimentos de V. E^{xa} fazem-me repelir tal apreensão. Acabe o meu óptimo Amigo de tranquilizar-me²⁵ com uma linha sua para este que se confessa

De V. E^{xa}

Admirador decidido e Servo Grato

15/3/80

Padre Sena Freitas

10.

[*RGPL Carta 7*]

Exm^o Amigo e Senhor

Casa do Outeiro

Correio de Marco de Canavezes

18/3/81

Hoje, amanhã, hoje amanhã, hoje amanhã, nesta hipocrisia da minha inércia se tem passado um ano ou mais sem que eu escreva a V. E^{xa}.

E o meu Amigo tem punido à farta o meu silêncio com o seu. Há, porém, uma diferença nestes dois factos, e é que o meu silêncio não pode ser uma privação para V. E^{xa} e o seu é-o realmente para mim. Hoje começa ela a tornar-se-me intolerável, em todo o amargor da expressão. Sinto a inelutável necessidade de lhe escrever. Apre! Leve o demo | [p. 2] leituras, estudos, opúsculos, redacções de jornais e deixe-me taramelar à vontade com o meu Amigo. Quero querer desta feita, como diria o Castilho, e aqui estou em São Miguel de Seide, trazido mais pela sincera saudade de V. E^{xa} que pela ventura dos meus pecados, que por cá leva tudo raso. A pechincha seria se V. E^{xa} sentisse o mesmo prazer que eu nestes cinco minutos de palestra. V. E^{xa} contudo, tem-me dado mais que assás provas d'estima para que ²⁶ me não contente com um suponhamos.

Vamos cá a saber, antes de tudo, como passa actualmente? Continua a martirizá-lo a dispepsia e a zoada, sem ser a dos Conceiçoes, mais importuna que a dos trombeteiros? | [p. 3] Imagino que o estou vendo colado, como a ameijoia, ao seu leito de enfermidade (?), a responder-me entre uma pitada e uma fumaça: «isto já não tem crêma possível.» A que eu vejo é que nem só da mulher se pode dizer – mulher doente mulher para sempre.

E eu? Se a bagatela do meu estado de saúde pode interessar a V. E^{xa}, limito-me a dizer-lhe que ela continua a ser um problema. Queira Deus que este se não resolva tão

²⁵ me] acrescentado a posteriori no intervalo entre as palavras, pelo autor.

²⁶ Depois de que o autor escreveu est posteriormente riscado, continuando a escrever no alinhamento.

cedo, porque penso que o seria contra mim, e a fruta por ora está muito verde para colhida...

Alguma cousita se vai rabiscando pela defesa da *boa causa*, em livros e jornais. Tem V. E^{xa} lido o *Progresso Católico*? Desejo saber se o recebe regularmente. Sabe que mais? Este meu | [p. 4] filho da dor disse-me outro dia que já não esperava artigo de V. E^{xa}.

Respondi-lhe que o pessimismo não é próprio das crianças como ele é e que esperasse inclusivamente contra a esperança. Até ao lavar dos cestos é vindima.

Apraz-me de preferência falar do que respeita ao meu Amigo. Está claro que me refiro às suas últimas publicações. Se delas não dissesse, a minha mudez seria talvez tida por V. E^{xa} à conta de uma affectação de reserva que destoaria da amizade, ou então só proviria de uma ignorância dos *seus* últimos escritos, o que não seria provável... Ainda que poucas vezes lhe dou maçada, ao menos ouço-o sempre que posso. | [p. 5] O realismo-Zola ainda anda de cueiros; não haveria certa abdicação da dignidade própria em que a natureza desposasse as verduras e os trejeitos pueris dele? Há-de se voltar as costas a um astro que ainda se não foi deste que naceram as letras para adorar um cometa extravagante que amanhã só será conhecido nas «lições» dos Simões Dias e outros *Bordas d'Água* semelhantes?

O realismo moderado e sensato tem todas as minhas simpatias, o de Zola e Hakerman será efémero, porque é *contra-natural*. Amputa metade do homem.

Tudo isto referve no meu parvo bestunto e carece de resfolegar no seio amigo de V. E^{xa}. | [p. 6] Aqui sei que serei bem recebido. Ó meu excelente Camilo! Responda-me com a mesmíssima franqueza com que lhe eu escrevi; aprove ou reprove este *imbroglio*, abrace-me ou chame-me tolo e espanque-me, mas responda-me. Em tal caso, não voltarei mais a escrever-lhe senão... logo que tiver o gosto de receber a sua. Tenho fome de lê-lo. Se não tem tempo de ser conciso, seja difuso, que vale muito mais. Olhe que quanto mais diferir responder-me, menos me dirá e eu é que o pago.

Outra cousa: como vai a boa Sra. D. Ana Plácido? ! [p. 7] Recomende-me imenso a ela.

Todo seu

Casas do Outeiro, Correio
do Marco de Canavezes,

Sena Freitas

P. S. Como o crime de uma carta deste tamanho não está previsto no Código, espero que V. E^{xa} não me chamará aos tribunais²⁷. Faça de juiz e perdoe-me, ou, se lhe parece, faça-me pagar as custas... com outra carta de igual laconismo.

11.

[RGPL Carta 8]

Ex^{mo} Sr. Camilo Castelo Branco

V. E^{xa} dizia-me na sua última que estava sofrendo dos olhos; esta carta tem apenas por fim saber se V. E^{xa} vai melhor. Perdoe esta solicitude à minha amizade, e se numa linha puder sequer dizer-me – vou melhor – muito obsequearia o que tem a honra de assinar-se

De V. E^{xa}

Casa do Outeiro
- Marco de Canavezes. 7/4/81

Servo Humilde e Obrigadíssimo
P^c José Joaquim Sena Freitas

12.

[CEC N^o 749, 1877]

10/1/77

Ex^{mo} Senhor Camilo Castelo Branco

Hoje mesmo, por uma carta recebida de Braga, soube, ou antes, recebi a tristíssima notícia do falecimento do sobrinho de V. Exa.

Declaro a V. Exa com a máxima verdade que esta notícia me fulminou como um raio. Atentas as melhoras muito sensíveis que apresentava o doente no dia da minha saída da Póvoa, não podia eu esperar tão fatal terminação da doença. A morte é realmente uma cega de nascença, que fere sem escolha, mas a fortaleza d' ânimo de V. Exa dispensa felizmente os confortos que | [p. 2] a minha amizade lhe enviaria (talvez com pouca discrição) nestas épocas críticas em que todos os seus esforços se devem reconhecer impotentes. As grandes dores têm ao menos o privilégio de reacender em nós vivamente o sentimento religioso às vezes latente, e nele sobretudo encontrará V. Exa a força e a resignação que as minhas pobres palavras não saberiam por certo inspirar-lhe.

4 d' Outubro

²⁷ tribunais] resultado de emenda por sobreposição de redacção anterior ilegível.

Rogo a V. Ex^a queira transmitir à Exm^a Senhora D. Ana Plácido a expressão do meu profundo sentimento pelo terrível golpe que acaba de surpreendê-la e assevere-lhe, sem receio, da minha parte, que seu filho é hoje mais feliz que ela e eu. Tive a ventura de recolher da boca do mancebo finado algumas daquelas palavras que se escrevem no Livro da vida para não se apagarem mais. São uma das maiores | [p. 3] consolações do meu ministério. Provaram-me que o homem, mesmo no meio dos devaneios do coração, é naturalmente cristão.

Disse já umas poucas de vezes o Santo Sacrificio pelo nosso Plácido. *Não sinto necessidade* de o fazer mais vezes, mas fá-lo-ei ainda amanhã.

Com a mais subida consideração e sincero affecto me assino

De V. Ex^a

Amigo e Atento Venerador

Pe José Joaquim Sena Freitas

13.

[CEC N° 750, 1878]

Exm^o Amigo e Senhor

Parece-me bem ocioso manifestar a V. Exa quanto prazer me causou o saber pela carta de V. Exa ultimamente recebida, que o seu ferimento fora leve.

Tomo a liberdade de oferecer a V. Exa um exemplar duma tradução minha dos *Jesuitas* de P. Féval.

Faço-a em dois volumes. O 2° está já no prelo.

Curei de evitar o mais que pude o meneio afran | [p. 2] cesado, que sempre me enoja, ao percorrer de passo as traduções aleijadas de pés e mãos, que por aí se estão a fazer todos os dias.

Arreceio-me de o não ter conseguido quanto desejava. O volume que a V. Exa tenho o gosto de oferecer é pequeno; queira V. Exa examiná-lo um pouco, e dizer-me *com toda a franqueza* se lhe parece que a pobre tradução pode real | [p. 3] mente passar fiança de porte sem levar o rótulo de franduna, como diria o guarda-barreiras do Francisco Manuel do Nascimento.

Sorrio dos juízos da imprensa, pela maior parte, sem valor, mas bem longe de desdenhar, procuro ansioso o dos mestres, ou, se é lícito à verdade desrespeitar a modéstia, o do mestre.

Com inalterável estima me assino

Que assina

De V. Ex^a

25 de Outubro O Amigo e Criado Obrigadíssimo

Pe José Joaquim Sena Freitas

| [p. 4] Se nesse trabalho, que a presente acompanha, V. Ex^a encontrar erros de linguagem vernácula, creia que por cada um que tiver a bondade de apontar-me captará um novo título à minha gratidão. S.F.

14.

[CEC nº 751, 1879]

Excelente Amigo e Senhor Camilo Castelo Branco

Acabo de chegar ao local da minha segunda missão. O meu primeiro pensamento é pegar na pena para indicar a V. Ex^a o endereço da minha residência provisória, a fim de que V. Exa se quiser honrar-me com as suas letras, o possa fazer. O lugar chama-se – Abragão – e o correio é o de Penafiel.

Deixei a V. Exa doente, queira dizer-me se vai melhor. Ao passar em Guimarães ordenei ao Teixeira de Freitas, editor do meu jornal – O Progresso Católico – que enviasse sem demora ao meu Amigo o 1º Ano completo, e os nºs já saídos do 2º ano, penso que ele já o terá feito. | [p. 2]

No caso contrário, desejarei que V. Ex^a mo diga.

Já mandou vir de Lisboa a certidão do baptismo? Não demore, não? Suplico-lho. Logo que ela chegar, deve de ser entregue ao pároco, este ajuntar-lhe uma declaração de não haver impedimento algum dirimente que se oponha ao matrimónio, e remeter os dois documentos ao Senhor Arcebispo, que imediatamente enviará ao pároco a competente dispensa de banhos, para, sem mais formalidades, se proceder à benção das núpcias. Desejo eu mesmo ser quem abençoe uma união que me enche de tão vivo prazer. Permite-o V. Exa? | [p. 3]

Deixa-me ir preparar o meu primeiro sermão.

Peço a V. Ex^a me recomende muito e muito à Exm^a Senhora D. Ana Plácido, e aceite a expressão da decidida amizade com que me assino

De V. Ex^a

Servo inútil e Amigo grato

Abragão, 30 de Novembro de 79

Pe José Joaquim Sena Freitas

15.

[CEC Nº 752, 1880]

Exmº Amigo e Senhor

Estava aqui em Felgueiras dando uma missão, ou, para falar com mais rigor, voltava ao meu pobre presbitério depois de ter concluído o meu último sermão à numerosa população daquela vila, quando um amigo meu me trouxe, para eu ler, o nº 2 dos *Ecos Humorísticos* de V. Ex^a, dizendo-me que num lugar deles o autor se referia à minha pessoa. Agradei-lhe a lembrança, aceitei o empréstimo, mas não me mostrei surpreso nem o fiquei, porque em carta, poucos dias antes recebida, V. Ex^a comunicava-me que | [p. 2] no referido número dizia «umas cousas» a meu respeito. A surpresa só veio depois da leitura dos *Ecos*, porque, posto que eu nada tenha a recear da amizade tantas vezes provada de V. Ex^a, e apreenda muito mais o seu... *dog*, que as suas farpas sempre munidas de letreiro discreto, contudo é certo que não podia supor que a miopia produzida em V. Ex^a por essa amizade fosse tal que me confundisse, a mim obscuro padre de província, com um *conférencier* de Notre-Dame de Paris, e me conferisse a investidura do «nosso mais impressivo orador» contemporâneo. O juízo certíssimo do que sou nem me deixa desvanecer-me por um momento no que V. Ex^a de mim forma, mas a gratuita | [p. 3] de do louvor tanto mais rigoroso torna o reconhecimento. Confessá-lo, como o faço, não significa por certo uma quitação de dívida, é ir descontando do único modo que posso o muito que devo a V. Ex^a.

Acabo esta, já grimpado outra vez no meu ninho d'água de Santa Quitéria. Estou esfalfadíssimo do trabalho que tenho tido, principalmente na derradeira semana. Já não sou para estas *corvées*. O meu tecido adiposo, aliás já tão depauperado no Brasil, cada vez se me adelgaça mais. Não faz ao caso. Terei ao menos este ponto de relação com V. Ex^a. Seremos dois pergaminhos ambulantes, com | [p. 4] armação de osso, o que não deixa de ser um sistema económico para quem tivesse a ideia de nos embalsamar os corpos.

Permita-me V. Ex^a que ao terminar esta, lhe peça um favor? É de joelhos que lho peço; mande vir a *certidão* do seu nascimento, meu bom amigo, haja os «melindres» que houver, *não se perde nada* em V. Ex^a a ter em seu poder. Quem me dera conversar com a excelente Senhora D. Ana Plácido. Quanto senti que ela quisesse desabafar comigo e eu, por uma pressa indiscreta, me não prestasse a isso! Desejava pedir-lhe perdão pessoalmente.

Ver-nos-emos breve?

Todo de V. Exa

Servo inútil

3/1/80

Pe Sena Freitas

16.

[CEC Nº 753, 1883]

Exm^o e Amigo e Senhor

Não posso mais. Careço absolutamente de escrever a V. Exa. Estando ainda em Londres dirigi uma extensa carta a V. Exa à qual até agora não recebi resposta. Ao chegar a Portugal, escrevi-lhe outra que teve igual destino. Era possível que ambas tivessem tido descaminho; eu, porém, acanhei-me de iterar terceira carta; fiquei suspeitando que alguma causa por mim ignorada e de que talvez seja vítima, tivesse vindo toldar as excelentes relações que existiam entre V. Exa e mim.

Todavia, tenho a pleníssima consciência de que estou | [p. 2] inocente. É ela que afinal me decidiu a romper este silencio que me tortura, porque V. Ex^a não cessou ainda um instante de exercer sobre mim a dupla fascinação do talento excepcional e da afeição por tantas vezes provada.

Se V. Ex^a entende que eu, em tempo algum lhe prestei um serviço qualquer (do que não me recordo) e esse serviço pode constituir um direito, faço-o valer nesta ocasião para pedir a V. Ex^a dois favores; o primeiro é que se digne acusar a recepção desta, o segundo é que me diga com toda a franqueza | [p. 3] se houve algum motivo que tivesse resfriado as relações de V. Ex^a para comigo. Este último favor não só peço, mas suplico a V. Ex^a pela memória de seu filho Manuel (aquele da Póvoa!), que mo não negue. Sei perfeitamente que, se algum motivo existe no espírito de V. Ex^a, há-de-lhe chamar falso depois da minha justificação. V. Ex^a dizia em um dos seus ultimos escritos, que só contava ou só conhecia três padres, e acrescentava, «ou talvez dois»,

que lhe merecessem o seu respeito e apreço. Seria eu o terceiro excluído? Excluído à última hora?... Diga-mo, e «talvez» eu tenha pela primeira vez razão contra V. Ex^a.

Rogo-lhe me reco | [p. 4] mende a seus filhos e à enferma.

Permita que lhe ofereça um exemplar de uma obra de positivismo, em que vem uma introdução minha.

Tenho a consciência de poder assinar-me

De V. Ex^a

Amigo em Jesus Cristo e Servo Obrigadíssimo

Lisboa 14/1/83

Pe José Joaquim Sena Freitas

Colégio de Nossa Senhora da Conceição

Rua Da Esperança – 224

17²⁸.

[CEC N° 754, 1883]

Meu Amigo

Ainda não lhe agradei o seu juízo nimiamente lisonjeiro do meu pálido opúsculo. Devera fazê-lo com mais prontidão; indulta-mo V. Exa, sempre bom em extremo para comigo. Estou preparando materiais para um estudo biográfico sobre o Padre Beirão, português e verdadeiro herói de caridade na sua acepção mais popular, e para o qual a pátria, sobretudo os católicos, ainda não tiveram uma palavra póstuma de encómio, muito menos *o tempo* de lhe escrever a biografia...

Meu bom amigo, meu caro Camilo; terei a cora | [p. 2] gem de lhe dizer que li a sua «tréplica» ao Padre Maria Rodrigues?... Irritadíssimo devia V. Exa estar pelas provocações, às vezes incongruas, da imprensa católica, para traçar aquelas linhas mais amargas que o fel e tão... livres como nunca lhas ouvi, no seu ultimo folheto. Juro-lhe que o coração de sincero amigo ainda me sangra de as ter lido. Não, aquela nunca foi nem é a linguagem de V. Exa nas suas horas de paz, nas suas horas sérias. Em V. Ex^a há dois homens que não têm ponto algum de contacto entre si, e | [p. 3] eu não conheço ninguém mais diferente de V. Ex^a que V. Ex^a. Quero fazer-lhe essa justiça que talvez tão poucos lhe fazem. Ainda quando o meu amigo fosse um só eu estimá-lo-ia sempre, mas continuo a amar em V. Ex^a um dos homens que em si coexistem, o homem bom, sereno, reflexivo e crente.

²⁸ Foi publicada uma transcrição desta mesma carta no artigo «Irradiações clássicas» *O Leme*, 1º anno, 2ª série, nº 21, São Miguel de Seide, 1 de Maio de 1913, pp. 2-3.

Quanto mais o meu bom amigo deprime o catolicismo, e os seus dogmas, mais se acusa de ter crido nele e de o ter defendido não só nos princípios da sua brilhante carreira literária, mas na idade madura e na plena virilidade uma razão formada e de uma ilustração | [p. 4] mesmo teologicamente considerável. Perdão mil vezes, meu caro Camilo, mas permita que lhe diga: como pode V. Ex^a salpicar dos piores sarcasmos a fé, que tem sido o património de milhares de gerações entre as quais avultaram alguns primeiros génios da humanidade, os mistérios Cristãos e sobretudo, a Eucaristia, que ainda quando não corresponda a uma realidade sobrenatural, é pelo menos um símbolo de uma cousa augusta e respeitável, como bem disse Guerra Junqueiro na sua apreciação das «caricaturas em prosa» de Júlio de Andrade? | [p. 5] V. Ex^a que possui como pouquíssimos, nas suas relações sociais, não só a urbanidade mas o classicismo da urbanidade, negou a urbanidade à sociedade portuguesa que crê, e a simples urbanidade à religião que o meu Amigo bebeu com o leite, que bebeu ainda mais nos conselhos do homem que V. Ex^a mais tem respeitado na sua vida, e que finalmente por tantas vezes soube afinar o seu espírito para traçar algumas das mais eloquentes, sentidas e alevantadas páginas que saíram da sua pena de primorosíssimo escritor.

Já depois de ter lido a tréplica, *tornei a ler a cor* | [p. 6] respondência de V. Ex^a com Vieira de Castro (oferecida por V. Ex^a estando eu em Seide, lembra-se), e por esta leitura ainda mais me confirmei no meu juízo. Ali sim encontra-se o homem sereno, verdadeiro, inspirado na crença e inspirador dela; tanto mais genial no que diz quanto é certo que não escrevia para o público, mas desabafava no seio de um homem e de um amigo, entre o qual e o público havia e queria ele que houvesse para sempre um abismo. Creia V. Ex^a que choro de comoção, ao ler | [p. 7] estas palavras, a pag. 87 da sua correspondência: «Porque não ha-de ser verdade, meu filho, a divindade de Cristo...? Porque ousamos duvidar da celestial origem da religião em cujo seio os mais desamparados dos bens da vida encontram a doce preexistência da bem aventurança?» A pag. 88: «Crê, filho, e sentir-te-ás triunfar». A pag. 100: «Acabo de ler um livro que me fez chorar. Chama-se *Nossa Senhora de Lourdes*... Se sentires um raio de fé na tua purificada alma, lê ao menos seis páginas » etc. etc. Só a páginas 54 se revela positivamente o homem da duvida ou antes da descrença em um período | [p. 8] terrível: «Deus me dê vida. *Deus*? Porque não? Esta porcaria requer Criador divino que a explique, etc.», mas a blasfémia é logo retratada em nota «Esta

carta seria excluída deste livro, se não viesse como prova da pusilanimidade da alma humana sob a pressão dos sofrimentos morais.» O livro que venho citando foi publicado, não há vinte anos, nem dez, em 1874.

Meu excelente amigo, diga-me: como explicar estas anomalias tão profundas? Quer V. Ex^a que eu tome a sério e à letra aquela frase lúgubre, que se lê na carta correspondente à página 145 | [p. 9] do dito livro? «O que me resta do que fui é um discernimento lúcido para lamentar o que sou»? Quer por força que tome tudo isto à conta daquela «occlusão intelectual» que sentia invadir-lhe a alma, quando dela falava a seu amigo V. de Castro? Quem sabe? É talvez um fenómeno patológico, como V. Ex^a mesmo o interpreta quando diz: «A doença e a desgraça tem-me feito descambar a um ateísmo absoluto... Em mim apagam-se as últimas vascas da *luz*, etc. «Vem isto na tal carta que provocou a nota. De resto, ela destaca-se de quasi todas as outras, pelo tom em que foi escrita.

Mas supondo que seja | [p. 10] esta a causa da sua nova *maneira* (e parece-o, já que o meu amigo o tem repetido em outros escritos seus e ainda em cartas a mim escritas), porque *lamenta* V. Ex^a que eu creia? Porque tem o meu amigo *compaixão* de que em mim se não tenha feito por ora a oclusão? De que não chegasse por ora a deplorar o que sou ao clarão do discernimento lúcido, que me restasse, como único despojo, em naufrágio de todas as minhas crenças?

Todavia, não pense V. Ex^a um instante que nunca a dúvida me acometa; mas ainda não conseguiu forçar as portas. Cavei fossos que | [p. 11] circuitam a cidadela. Saio às vezes um pouco ferido na escaramuça, mas as feridas curam-se depressa, porque rasgam de leve a epiderme. Leio sempre e leio *de tudo*, porque é preciso examinar de perto e, por assim dizer, desmanchar ou desconcertar as armas dos adversários, para lhes conhecer o jogo, mas muno-me ao mesmo tempo das refutações, contrapondo assim Quatrepages a Darwin, Pressensé a Spencer, Dana a Tindall, Gray e Mirart a Huxley.

Não julgue por Deus, meu Camilo, que me tantalisso para crer. Oh! Que não! Somente o nosso meio psicológico | [p. 12] é outro. Abuso, e beijo a mão de V. Ex^a a pedir-lhe perdão de lhe roubar o seu tempo que vale mais que o ouro.

Não espero carta de V. Ex^a, não lhe mereço este prazer enorme que ela me daria, contento-me com estes desabafos sem eco no seio de um amigo. Vão eles provar-lhe

mais uma vez a lealdade da minha estima. Em todo o caso sei que não é só a uma inteligência, que é também a um coração que me dirijo. Forceje V. Ex^a por calcá-lo aos pés, afecte nos seus romances não tê-lo, ele continua a ser a sua *primeira qualidade*, o que é dizer muito. Não sou dos que menos conhecem V. Ex^a.

16/7/83

Todo seu
Sena Freitas

18.

[CEC Nº 755, 1885]

Exm^o Amigo e Senhor

Lisboa, 17/1/85

Esta leva em vista cumprir três deveres duma vez só: saber da saúde de V. Ex^a, que me é sempre cara, agradecer-lhe as frases nimiamente amigas que há pouco escreveu a meu respeito nas *Republicas*, e despedir-me de V. Ex^a porque parto no dia 23 deste para o Brasil, já que é forçoso viver e aqui neste país de Liliput só há a liberdade de morrer para um padre que não tem nem quer ter política. | [p. 2] Quero ver se algum dia deixo de ter pendente e ameaçadora diante dos olhos a eterna questão da barriga, que me tire fôlego e gosto para produzir alguma cousa... insulsa no mundo das letras.

Teria imensa satisfação que ainda antes de partir recebesse algumas linhas da mão do meu amigo. *A minha vontade* era ir abraçar a V. Ex^a a São Miguel de Seide, se é que não ficasse convertido pelo caminho em estátua de gelo. Já que a escassez do tem | [p. 3] po mo não permite, vai esta carta encarregada de o significar a V. Ex^a e de receber as suas ordens para quem, à espera delas, se assina

De V. Ex^a

Criado, Amigo gratíssimo e Admirador antigo

Padre José Joaquim Sena Freitas

19.

[CEC Nº 756, 1886]

Seminário de São Paulo – 6/3/86

Meu Caro Amigo e Senhor Camilo Castelo Branco

A remessa que acabo de fazer a V. Exa de um opúsculo meu em resposta ao hediondo charivari da «Velhice do Padre Eterno» de Guerra Junqueiro, prova mais uma vez V. Ex^a que não se apaga *nunca* o nome do meu amigo na minha memória.

Confesso que seria para mim um singular prazer se V. Ex^a me desse a certeza que tanto esse opúsculo como principalmente esta carta lhe chegaram às mãos. Desejo ardentemente obter notícias suas. Há tanto tempo que as não | [p. 2] tenho!

Aproveito a ocasião para lhe dar meus cordialíssimos parabéns pelo seu enlace conjugal. Só tive o ferro de que não fosse eu a testemunha sacerdotal do sacramento, embora *em tempo* tivesse dado alguns passos para isso. Lembra-se?

Queira o meu saudoso amigo transmitir a sua esposa a expressão da alegria que me vai n' alma e das minhas sinceras felicitações.

Estou no seminário episcopal de São Paulo. Se V. Ex^a me quiser dar o gosto das | [p. 3] suas letras, queira dirigi-las para aqui. Não comporta o respeito que me merece o precioso tempo dos trabalhos literários de V. Ex^a o ocupá-lo de mim. Só lhe direi que no Brasil tenho encontrado a generosidade e a afeição francamente hospitaleira que nunca encontrei em Portugal. Não é isso muito para admirar. *Nemo propheta in patria sua*

Sempre e sempre

De V. Ex^a

Muito Atento Venerador e Amigo Gratíssimo

Pe José Joaquim Sena Freitas

20.

[CEC Original em poder de Manuel R. de Pinho; Abril – Junho de 1886²⁹]

Província de São Paulo

Jundiaí – Colégio Sena Freitas

Meu Caro Amigo

²⁹ Na cópia que se preserva no *Centro de Estudos Camilianos* encontra-se em folha apensa a esta carta, a nota seguinte, que transcrevemos: «Carta do Padre Sena Freitas a Camilo. Escrita do Brasil. Calculo que seja entre Abril a Junho de 1886. Cheguei a esta conclusão, pelo assunto que toca, e tendo em atenção a carta n° 756 (referenciada em »Camilo Homenageado – O Escritor da Graça e da beleza») existente no Museu de Seide. Referências à «Autópsia do Padre Eterno» e ao «Anti-Cristo» de Gomes Leal e à obra que pouco depois publicaria, intitulada «Perfil de Camilo». Fala no Manuel Plácido «aquelle moço tão positivamente sympathico, que era talvez o unico filho de V. Ex^a»... Original em poder de Manuel R. De Pinho»

Esta lhe vai dar mais uma vez a certeza de que a amizade que lhe consagro pertence, de pleno direito, ao número das verdadeiras.

Quero principiar por acusar a recepção da missiva que V. Ex^a ultimamente me dirigiu, agradecendo-me o oferecimento da minha insignificante «Autopsia do Padre Eterno». Agora atirei-me ao «AntiCristo» de Gomes Leal. O meu modesto estudo crítico do poema está saindo em artigos no «Diário de Notícias» do Rio de Janeiro. V. Ex^a dirá que | [p. 2] é gastar cera com reles defunto, mas para semelhante bravata cômica em verso contento-me, já que estou no Brasil, com azeite de dendê; além de que, hoje em dia penso de um modo bem diverso sobre a oportunidade do silêncio. É ele que acirra a audácia dos petulantes e deixa à revelia a *claque* impertinente dos ineptos.

Entre a «Autópsia» e a tosquia de «Gomes Leal» redigi uma série de 14 artigos sobre... o meu amigo Camilo Castelo Branco. Pedi ao redactor principal do «Diário de Notícias» do Rio que lhos mandasse. Tê-los-ia V. Ex^a recebi | [p. 3] do? Sentiria bastante que não lhe houvessem chegado às mãos, porque deixei ali falar muito o meu coração e há nessa série alguns períodos que *eu sei* V. Ex^a leria com interesse, até com certa comoção. Recordei-me em público e com lágrimas do seu Manuel, aquele moço tão positivamente simpático, que era talvez o *único* filho de V. Exa!... Aqueles ligeiros traços meio biográficos quero completá-los um pouco mais, avalorá-los com algumas cartas das que V. Exa me tem escrito e publicá-los em livro. Permite-mo? Resolvi-me a fazê-lo, já que os artigos aqui | [p. 4] tiveram uma fabulosa aceitação, a ponto de se ter cada dia esgotado a edição.

Abri próximo de São Paulo um colégio que traz o meu nome. Fazendo-o acedi a uma proposta de um capitalista de Jundiá, que me ofereceu as maiores vantagens. Por ora, isto vai de vento em popa. Confio em Deus que *chegarei enfim*. Em verdade, a sorte como diz Balzac, é a deusa dos tolos! Aos 40 anos ainda estou a principiar.

Aguarda o delicioso prazer das suas letras o que tem o não menos delicioso de se assinar

De V. Ex^a

Amigo da ocasião incerta

Pe Sena Freitas

Meu bom Amigo

É mais que tempo de acusar a recepção da sua carta. Estou doente dos seus olhos, posso dizer-lhe com verdade desde que soube que o meu querido Amigo estava padecendo desta enfermidade tanto mais terrível quanto o colheu já de posse do hábito crónico de ver e de ver tão bem!...

Tem por isso mesmo enorme desconto aquela linguagem por demais shopenhaueriana da sua última. Eu sou o primeiro a reconhecer que V. Exa tem sofrido muito. Notável na verdade. Quasi que tem percorrido toda a gama das dores humanas. É certo, porém, que uma resigna | [p. 2] ção corajosa e perseverante tem o admirável privilégio de transformar em ouro de 24 quilates esta limalha grosseira e repugnante das nossas misérias sofridas ao atrito inevitável da vida e dos homens. Quanto não tenho eu também padecido no coração, na alma, nesta rele porção de matéria que me pertence e que me poleia sem dó! Afianço-lhe, meu excelente Amigo, que há 17 anos que não sei de que cor é a saúde. Caíram afinal, uma por uma, todas as minhas ilusões. Não há mais azul na minha imaginação. Disparei no mais completo acromatismo e com isso me dou bem. Todavia, chegámos a so | [p. 3] luções opostas. Cada vez creio mais firme mente que a minha luta tem um sentido. Como conceber um batalhar constante, sem proveito, nem destino, nem mesmo, por vezes, culpabilidade? O mundo humano, para toda e qualquer filosofia que não for simples fisiologia, é absolutamente inexplicável sem um além túmulo, que restabeleça as desarmonias e corrija o imenso disparate da vida presente. O nosso último grito será o de triunfo. A natureza, que dispõe de infinitos recursos, há-de ter uma saída não só decente mas satisfatória para esta crise dolorosíssima que se chama a vida humana. Só a esperança é natural e portanto boa; a desesperança é um estado violento - Será assaz pacien | [p. 4] te, meu caríssimo Camilo, para tolerar este pobre tagarela que se esqueceu de que lhe estava escrevendo a V. Ex^a? Havia tanto tempo que não estávamos juntos! Permita-me que lhe remeta um exemplar da oração fúnebre que fiz por ocasião da morte do senador José Bonifácio, o apóstolo incorruptível do abolicionismo neste Império. Foi um improviso, como aí mesmo digo.

Ser-me-ão extremamente gratas as suas *notícias*, se se dignar dar-mas, sobretudo se já me poder escrever por seu próprio punho!!

Larga a pena para abraçá-lo com estremecimento de verdadeiro amigo o

28/1/87

De V. Ex^a
Servo Obrigadíssimo e Admirador antigo
Pe José Joaquim Sena Freitas

22.

[CEC Nº 758, 1887]

São Paulo

Excelentíssimo Amigo e Senhor

5/6/87

Esta não tem outro objecto além do de aquiescer com o pedido que acaba de me fazer um amigo meu de São Paulo, de comunicar eu pessoalmente a V. Ex^a o oferecimento que ele acaba de lhe fazer de um livro que ultimamente publicou, intitulado «Notas genealógicas»... O seu autor é o Dr. João Mendes de Almeida, deputado geral da nação brasileira, e cavalheiro tão conspicuo como ilustrado. O valor daquele trabalho é todo histórico e relativo ao Brasil, mas sem dúvida que [p. 2] nem por isso será indiferente para V. Exa que tanto tem cultivado a história, além de que a história do Brasil antigo constitui uma parte dos nossos próprios anais.

Penso que V. Ex^a terá já recebido um exemplar do meu último livro, que tive a honra e o prazer de lhe remeter. Ninguém tinha a tal tanto direito como V. Ex^a, que é o próprio objecto desse livro.

Não se esqueça de quem persevera com tanta constância em assinar-se

De V. Ex^a
Amigo Obrigadíssimo e Admirador
Pe Sena Freitas

23.

[CEC Nº 759, 1887]

Jundiaí (São Paulo) 19/9/87

Meu Caro Amigo

O vaticínio de V. Exa cumpriu-se. Um colega meu ficou furioso de eu não ter atirado V. Ex^a à caldeira de Pedro Botelho e de ter ousado (apesar da divergência das nossas ideias

religiosas) preconiza-lo como o primeiro mestre da língua portuguesa. Tanta tolerância exasperou aquele tetaraneto de Torquemada. Escrevinhou 30 artigos contra mim em um jornal que se publica em São Paulo, intitulado | [p. 2] *Tabor*. O seu director e redactor principal chama-se Pe José de Almeida e Silva. Infelizmente é um português!! Mas assim devia ser. Mesmo no Brasil é Portugal a única entidade que me atravanca a estrada da vida. Sofri, disfarcei no hidrófobo a sova mais monumental que dei na minha vida. Foi reproduzida por muitos jor | [p. 3] nais. Não quisera eu de modo algum esse *sucesso*. É contra o meu carácter, mas fui provocado sobre posse.

Agora um favor. Gaspar da Silva, actual redactor, em São Paulo, do *Diário Mercantil*, onde foram publicados os meus artigos de defesa, acaba de me escrever uma carta sem que é implicado o nome de V. Exa. Este Gaspar da Silva está actualmente acreditado nesta província. | [p. 4] Tem-se tornado um moço sério, goza aqui de muitas simpatias. Professa por V. Ex^a uma admiração convicta e calorosa. Raro é o número do *Mercantil* em que ele não publica algum trecho das obras do meu amigo ou não traga notícias que lhe dizem respeito. Ora este Gaspar da Silva soube pelos jornais que se ia brevemente imprimir o *Cancioneiro Alegre*. | [p. 5] Neste livro é ele um dos malhadeiros da crítica alegre e incisiva de V. Exa. Paciência. Mas o que o paciente não desejava por forma alguma é que reaparecesse em 2^a edição *uma nota* que se encontra na secção a ele referente, no dito Cancioneiro. Essa nota, segundo Gaspar me diz (pois não tenho aqui comigo o livro em questão), essa nota roça-lhe um pouco pelos costumes ou pela vida privada, e ele escreve-me | [p. 6] por esta ocasião, rogando-me que interceda para com V. Ex^a a fim de que não saia a terrível nota na edição próxima do seu livro. Não tenho dúvida alguma em tomar a pena para fazer este pedido ao meu querido amigo e estou certo que a sua extrema amizade para com o seu Sena Freitas, ausente mas sempre o mesmo, não desprezará este pedido. Nesta esperança e ansioso por carta de V. Ex^a tenho o prazer de me assinar | [p. 7]

De V. Ex^a

Amigo grato e de lei

Pe Sena Freitas

24.

[*Diário de Lisboa*, 19/6/1956]

Meu bom amigo Senhor Camilo Castelo Branco

Acabo de chegar da minha segunda missão dada em Abragão. Lá recebi a cartinha de V. E^{xa} e de veras senti o que nela me diz. Agora que estou de volta a Santa Quitéria, apresso-me a comunicá-lo a V. E^{xa}, que pelo teor da sua parecia desejar saber quando eu regressaria aos meus penates. Era sem dúvida para me falar sobre aquele negócio mais detidamente e de viva voz, mas eu prefiro que o meu amigo cá não venha..., e nutro a lisonjeira esperança de que me fará a vontade. Diga-me por carta o que puder dizer-me e o resto irei eu ouvi-lo de bom grado à cabeceira da sua cama. Na mesma ocasião me será fácil e ainda agradável prestar-me à confidência secreta com que a Excelentíssima Senhora D. Ana Plácido quer honrar o meu carácter e o meu ministério. Ó meu excelente amigo! De joelhos lhe peço que não abandone o propósito de não deixar deserdado um filho adúlterino, que tem o mesmíssimo direito a viver que os que o não são. Podem existir «melindres», porém o que eles não podem é destruir a força de um tal motivo, nem expringir a nobre resolução por ele inspirada.

Recebeu o *Progresso Católico*? Queira dizer-mo. Acabo de ler na Palavra a transcrição do prólogo de V. E^{xa} à tradução do Papa e a liberdade do domiciano Cosntant, cuja obra original já há tempos possuía. Cordialmente felicito a V. E^{xa} pela franqueza, isenção e candura com que aprecia o proceder da Igreja no seu lidar incansável pela verdadeira liberdade dos povos e nas suas lutas com os pseudo-libertadores do pensamento e da consciência. Já mandei transcrever o dito prólogo do *Progresso*. E a propósito deste jornal, não me tenho que não faça ao meu amigo um pedido. Estamos no tempo das etrènes do Natal e do Ano Bom. Eu sei que o Progresso ficaria babadinho de prazer se V. E^{xa} lhe enviasse o presente de um pequeno artigo seu? Fá-lo-á? A área do jornal é grande; compreende religião, ciência, literatura, etc; escolha V. E^{xa} o que melhor lhe parecer. Felizmente o capital da minha revista é considerável, e ainda quando V. E^{xa} exija em retribuição do seu artigo, um conto... de obrigados, remeter-lhos-ei antecipadamente por um vale do correio.

Agarrado, que nem ostra à pedra, às belas e velhas usanças do nosso Portugal velho, não posso acabar esta sem emborcar sobre o leito de V. E^{xa} um açafate cheio e acogulado de Boas Festas com outros tantos votos de dispepsias e zoadas acabadas, como quem não se emenda ser

12/30/79

De V. E^{xa}

Atento e Venerador Admirador e Amigo

Padre Sena Freitas

Cartas de Guerra Junqueiro a Camilo Castelo Branco sobre Sena Freitas

25.

[CEC nº 340 sem data]

Meu caro amigo

Esta carta devia ter partido há mais de um mês para São Miguel de Seide. De regresso da Galiza, aonde, conforme lhe digo na epístola, eu fora aprender um pouco de dialecto de pau e corda (pau de zurzir e corda de enforcar) para zurzir o Sena e enforcar o Freitas, de regresso dessa viagem, meu amigo, rabisquei à pressa, depois da leitura dos *heróis*, uma trapalhada que aí vai. Parti logo em seguida para o Porto, recomendando em casa que lançassem a carta no correio. Ora hoje no meio do caos inalterável da minha mesa de trabalho deparou-se-me a tal carta que V. Ex^a deveria ter | [p. 2] recebido há 5 semanas.

Aí vai ela e eu, cumprindo a promessa aí irei brevemente. Na nossa qualidade de achacados de corpo e torturados de espírito conversaremos sobre as boticas e a imortalidade da alma, discutiremos todas drogas e todas as filosofias, bicarbonatos e hipnóticos, e, sobrando-nos tempo, falaremos até um pouco de romances, de versos de literatura, enfim.

Reli há dias depois de 10 ou 12 anos um livro seu – o *Esqueleto*. O Sampaio considera-o uma das piores obras. A mim parece-me das melhores. Um dos defeitos da crítica do Sampaio é considerar um grande número dos tipos que entram | [p. 3] nos seus romances como meras criações românticas sem realidade e consistência. Para algumas dessas criações tem o Sampaio razão. Acerca de muitos, no entanto, engana-se. E engana-se por uma razão bem simples: porque se esquece que, quando o romantismo dominava já inteiramente como forma da arte, a sociedade era tão romântica como os autores que a descreviam. De forma que alguns tipos dos seus livros que hoje parecem inverosímeis, de fantasia, eram perfeitamente criaturas de carne e osso perfeitamente reais e verdadeiras.

Falando melhor lhe explicarei a minha ideia. Parto de madrugada. Até breve.

Seu amigo e admirador

Guerra Junqueiro

26.

[CEC nº 339]

Meu caro Camilo Castelo Branco

De regresso da Galiza, onde estive 15 dias, aprendendo o galego suficiente, para mandar, francos de porte, meia dúzia de pontapés a esse aguadeiro de mijo bento, que dá nas latrinas (quer dizer nos confessionários) pelo nome de padre Sena Freitas, de regresso da Galiza, meu amigo, encontro nos serões de São Miguel de | [p. 2] Seide um artigo excessivamente amável a respeito deste seu criado.

Derreteu-se o gelo, desfez-se o equívoco; é o momento de lhe falar claro.

Meu caro Camilo, *eu vivo mais no tempo e no espaço do que na minha hora e na minha rua*. Este *ponto* de vista parcial e literário, que está um pouco acima da torre dos clérigos, e mesmo acima (que novidade!) da torre de 300 metros da | [p. 3] exposição de Paris em 1889 dá ao meu espírito e à minha consciência uma tranquilidade absoluta, um equilíbrio perfeito, simples, inalterável.

Literariamente, quer me fumeguem com incenso de noticiário, quer me caustiquem com vitríolo de mau humor ou de calúnias, eu fico e *ficarei sempre* numa placidez de indiferença, num encolher d' ombros desdenhoso | [p. 4] que muitos traduzirão por medo ou cobardia. Estes dois substantivos existem, segundo me dizem no Roquette. Eu por mim, por mais que tenha folheado a minha alma, nunca os encontrei.

E por mais acerbadas, violentas e injustas que sejam as palavras que um homem do mesmo ofício – um homem de letras – me dirija, eu considero-me absolutamente incapaz de dizer a esse homem que ele é um escritor da última espécie, estando eu, na mi- | [p. 5] nha consciência convencido do contrário.

Com tudo isto, meu caro Camilo, quero apenas dizer-lhe que os legítimos agravos que eu tinha de si jamais fizeram variar a minha fraca, mas sincera opinião a respeito da sua obra literária.

Que esses agravos eram absolutamente incontestáveis hei-de eu demonstrar-lhe um dia destes *provando* | [p. 6] –lhe *sem contestação possível* que essas tais asneiras rimadas sobre a cruz alta do Bussaço me pertencem a mim (ai de mim!) e não ao defunto e lírico gatuno C. Simões Ferreira.

Contar-lhe tudo em história por escrito seria gastar-lhe a paciência e 5 folhas de papel.

Irei um dia a São Miguel de Seide. Irei aí para | [p. 7] ver um homem, que, apesar *de todas as inconseqüências, tolices e disparates* (não me lisonjeio), é ainda assim o *exemplar* literário mais completo da sua raça no seu século.

O meu amigo J. Sampaio, espírito de primeira ordem, fez a crítica da sua obra. Cavou fundo, viu d’alto, mas há ainda que dizer. Talvez eu o venha a dizer.

Tenho ainda diante de mim 3 ou 4 anos de cria | [p. 8] ção. A minha primavera foi curta. O estio não será longo. Reservo o meu outono, não para ver os meus frutos, mas para absorver, examinar, catalogar a colheita abundante e feracíssima daqueles que hão-de morrer aos 80 anos, com a mesma seiva dos 20.

Vinte colheitas multiplicadas por quatro.

Meu caro Camilo, visto que entre nós se partiu esse gelo idiota, essa frialdade | [p. 9] imbecil, um destes dias aí vou, para ter o prazer de o ver e para lhe dar conselhos aos seus 70 anos de mocidade com os meus 35 de decrepitude.

Vila do Conde 7.

Seu admirador

Guerra Junqueiro

Cartão de visita enviado por Sena Freitas a destinatário desconhecido e Carta a Ernesto Sena

27.

[FBN - RJ]

P^e. J. J. SENNA FREITAS fica ciente do que o Amigo lhe comunicou, agradecendo o seu interesse. Só pede lhe seja anunciado de um modo positivo se é no dia 8 ou 24 que terá lugar a festa –

Beneficência portuguesa,

26 / 11 / 92

28.

[FBN - RJ]

Cónego Sena Freitas

Rio de Janeiro, 26 Setembro 1911
Convento do Carmo – Largo da Lapa

Meu Caro Amigo

Desejando primeiro que tudo a continuação da sua saúde, por mim tão apreciada, venho pedir-lhe um pequeno favor.

É este que o meu Amigo tenha a bondade de me dizer por escrito se sabe de alguma influência ou empenho eficaz para o Dr. Frontin, relativamente à re | [p. 2] de dos caminhos de ferro que estão debaixo de sua direcção, e qual é esse empenho ou influência, pois tenho grande desejo de empregar neles um protegido meu. Se este empenho fosse o Amigo Ernesto Sena, tanto melhor.

Fica à espera da sua obsequiosa resposta o que tem o prazer de assinar-se

De Vossa Senhoria

Servo e Amigo Velho

Cónego Sena Freitas

Cartas de Sena Freitas aos Superiores da Congregação da Missão

29.

[«Carta ao Superior Geral, P. Étienne» *Cópia dos Documentos Relativos à Província Portuguesa do Arquivo da Casa Mãe da Congregação da Missão. Seccção Portugal*, vol I, Província Portuguesa da Congregação da Missão (Lazaristas) Rua do Século, 152, Lisboa, 1872]

Lisbonne, le 7 Novembre 72

Monsieur et très Honoré Père

Votre bénédiction, s'il vous plaît.

Il y a déjà quelque temps que j'ai eu l'honneur de vous écrire, en vous rendant compte de moi-même, comme je le dois, et en vous faisant une petite demande.

Vous n'avez pas encore daigné répondre à ma lettre, sans doute parce que vous ne l'avez pas reçue, ou parce que la multiplicité de vos occupations vous en a empêché.

Je devrais même m'abstenir de vous dérober un temps si précieux que le vôtre, mais il est naturel qu'un enfant écrive à son père.

J'étais allé à Brague visiter mon père qui s'y trouvait gravement malade. Il est mort quelques jours après mon arrivée, et j'ai eu dans mon malheur même, le bonheur de lui donner l'absolution de la dernière heure, sans laquelle il serait mort dépourvu de tous les secours de la religion.

Je me trouve actuellement à Saint Louis de France. Je me sens un peu mieux de mon mal de larynx, mais je ne suis pas encore entièrement rétabli. L'hiver est plus salubre à Lisbonne que dans le nord du pays, voilà pourquoi je m'y trouve, mais tous les médecins me disent que je dois préférer de passer le printemps et l'été dans le nord, parce que ces deux saisons sont tout à fait contraires aux laryngites à Lisbonne. Ils me disent même qu'il y a danger pour moi à passer ces deux saisons dans cette capitale. Il me semble donc qu'il est prudent de les passer à Sainte Quiterie, dans notre collège de Brague, où se trouve M. Varet, et où le climat est si favorable à ma maladie.

D'ailleurs je puis y rendre bien plus de services qu'à Saint Louis, où il n'y a pas de travail fixe, et où il y a déjà quatre confrères (certes bien suffisants pour le service), tandis que le pauvre M. Varet est tout seul dans son collège, avec un vieux prêtre portugais, et deux prêtres *collaborateurs*... Cependant, l'oeuvre est belle, et elle gagne une grande renommée dans toute la province.

Je pense donc que vous approuverez complètement la pensée que viens de vous exposer, de me rendre dans notre maison de Santa Quitéria, à partir du commencement du printemps prochain.

M. Chinchón, ayant égard à l'impossibilité où je me trouve de prêcher, au moins provisoirement, m'a suggéré la pensée de faire quelques petits opuscules religieux pour l'instruction, (hélas si nécessaire) du peuple portugais et brésilien.

Je suis prêt à le faire si vous me le permettez. M. Miel m'y engage aussi. Il ne me manque que votre autorisation. Je l'attends soumis.

Dois-je encore ajouter quelques lignes à celles-ci?

J'ai donc songé, digne Père, que mon petit travail dans ce sens, fût de faire imprimer la Vie de Saint Vincent de Paul composée en latin par nos confrères de l'ancienne province portugaise. Cette vie vous est connue, sans doute. Elle forme la première partie et comme la préface des Règles de notre Congrégation imprimées à

Lisbonne. L'édition de ce livre est devenue rare, et cependant bien des confrères français et d'autres pays qui ont lu cette vie, la regardent comme la meilleure qu'on a écrite de notre Saint Fondateur, après celle d'Abelly. Eh bien, je voudrais séparer cette vie des Règles, la faire imprimer à part, vous la dédier, et vous la répandez parmi vos novices et vos étudiants. On ne perdra pas un si beau monument de la petite Compagnie. Me permettez-vous de réaliser cette idée?

Mais ce serait alors une oeuvre complètement de la Congrégation, pour laquelle je suis bien certain que vous ne me refuseriez pas les ressources nécessaires. M. Miel y pourvoirait, et vous le feriez rembourser à Paris.

Pardonnez-moi ma longueur, et croyez à la sincérité des sentiments avec lesquels j'ai le bonheur de me souscrire

Mon très honoré Père

Votre très humble serviteur et indigne confrere

J. Freitas

i. p. d. la m. (indigne prêtre de la mission)

30.

[«Lettre de M. Sena Freitas a M. Fiat» *Cópia dos Documentos Relativos à Província Portuguesa do Arquivo da Casa Mãe da Congregação da Missão. Seccção Portugal*, vol II, 1805-1905, (1879-1905), Província Portuguesa da Congregação da Missão (Lazaristas) Rua do Século, 152, Lisboa]

Lisbonne, Rua da Bempostinha, 33

16/ 5 / 82

Monsieur et très honoré Père

Votre bénédiction, s'il vous plait

Le temps de congé que vous m'aviez permis pour le rétablissement de ma santé vient de s'écouler. Je dois rentrer et je suis prêt à le faire, puisque ma vocation et mon affection pour la petite Compagnie sont encore les mêmes, et que ma conscience me fait un devoir de ce retour.

Profitant volontiers de cette occasion qui se présente de vous écrire, je vous renouvelle ma profonde reconnaissance pour l'acquiescement fraternel avec lequel vous avez répondu à la demande que je vous ai faite d'aller passer quelque temps chez les miens afin de m'y soigner. Cependant, avant de rentrer, je dois vous faire quelques déclarations et quelques demandes que ma conscience m'impose.

Je me sens mieux, mais je ne suis pas rétabli, tant s'en faut. Ce qui me soutient c'est la vie un peu mobile. La vie sédentaire me tue. Une promenade de quelques jours, de loin en loin, *et mon seul remède* contre les battements de Coeur que l'absence de | [p. 334] distractions augmente d'une manière terrible, qui me rend impossible tout travail, meme la célébration du saint sacrifice.

Je vous demande donc, cher père, de m'autoriser à faire quelque promenade de quelques jours. (celle de quelques heures m'est inutile) quand je me sentirai *sérieusement* indisposé, sans être obligé d'avoir recours à la permission du visiteur de la province ou je serai placé, pour n'être pas, de nouveau, exposé au refus qu'on m'a fait quand j'ai été à Santa Quitéria, et qui eut été cause d'aggravation de mon mal, au point que jamais je n'ai été malade, au Portugal, comme alors. Voilà ce que je crains. Je crains, de même, de me voir forcé de prendre la mesure extrême que j'ai pris dans ce temps-là. C'est bien assez d'une fois.

Pourvu donc, que vous daigniez m'accorder cette permission si *raisonnable* et si digne de votre autorité bienfaisante, je rentre de plein gré dans le sein de la Congrégation que j'aime toujours tendrement. Les services que je lui ai déjà rendus, et dans lesquels j'ai perdu la santé vigoureuse que j'avais autrefois, je suis prêt à les lui rendre encore et à lui consacrer la dernière flamme d'énergie qui me reste. Je puis lui être quelque peu utile en qualité de professeur ou d'aumonier dans quelque collège de Soeurs de la Charité quoique pour le ministère des missions je dois y renoncer une fois pour toutes. L'expérience en a été faite...

Dans l'hypothèse négative, je ne puis me résoudre à rentrer dans la congrégation, car je sais trop bien quelles en seraient les tristes conséquences. Une vie misérable, désœuvrée, a charge à moi même (si elle ne l'était pas à mes confrères), et qu'il me serait bien plus difficile de sanctifier là que dans le sein de ma famille. Ici au moins je jouis de la liberté de me distraire quand je me trouve dans la déplorable impossibilité de faire autre chose. Vous pouvez, cher père, me rappeler la perfection à laquelle nous astreint la vie religieuse dont nous avons fait profession, mais il me semble qu'elle n'exclut pas ce qui est sensé et ne nous fait pas un devoir de ce qui est absurde.

Au cas ou je doive avoir le bonheur de reprendre la vie de communauté, je vous demande de me permettre de le retarder encore quelques mois, afin de finir le payement | [p. 335] de quelques dettes que je ne pourrais payer dans la Congrégation où je ne gagne rien. Ce ne sera pas bien long.

Je m'empresse de vous prier de m' accorder votre bénédiction et de me souscrire
Votre enfant indigne
en Saint Vincent de Paul
Joseph Senna Freitas
i.p.d. l. m. (indigne prêtre de la mission)

Apêndice 1: Descrição dos Suportes

Eis a listagem dos suportes utilizados nos documentos que vimos directamente:

- 1- Papel de dimensões 268 mm x 208 mm de cor branca, com onze pontusais sem filigrana visível, escrito à pena com tinta preta.
- 2- Papel de dimensões 210 mm x 135 mm de cor branca, pautado, com 12 pontusais e escrito à pena com tinta preta.
- 3- Papel de dimensões 225mm x 180 mm de cor branca, grosso, acetinado, apresentando vestígios de pauta, escrito à pena com tinta preta.
- 4- Papel de dimensões 224 mm x 180 mm de cor branca, grosso, acetinado, apresentando vestígios de pauta, escrito à pena com tinta preta.
- 5- Papel de dimensões 251 mm x 203 mm, de cor branca, sem filigrana visível, ostentando no canto superior esquerdo um timbre, a seco, onde se podem ler, dispostas em arco as palavras «COLLEGIO DE STA QUITERIA» e, por baixo desse arco, ao centro «EM / FELGUEIRAS».
- 6- Papel de dimensões 225 mm x 180 mm de cor cinzenta, grosso e ligeiramente acetinado, sem filigrana visível, escrito à pena com tinta azulada.
- 7- Papel de dimensões 254 mm x 202 mm de cor branca sem filigrana visível, apresentando manchas de humidade na primeira página, escrita à pena com tinta roxa.
- 8- Papel de dimensões 267 mm x 208 mm de cor branca, pautado, sem filigrana visível, ostentando no canto superior esquerdo num timbre em relevo com os dizeres «BATH» escrito à pena com tinta preta.
- 9- Papel de dimensões 266 mm x 207 mm de cor branca, sem filigrana visível, ostentando no canto superior esquerdo um timbre, a seco, onde se podem ler, dispostas em arco as palavras «COLLEGIO DE STA QUITERIA» e, por baixo desse arco, ao centro «EM / FELGUEIRAS». Escrito à pena com tinta acastanhada.
- 10- Papel de dimensões 228 mm x 178 mm de cor branca, grosso com oito pontusais, sem filigrana visível escrito à pena com tinta preta.

11- Papel de dimensões 224 mm x 176 mm de cor branca, com oito pontusais e uma filigrana onde se distinguem os dizeres: «Super fine / Schleiecher & Schüll» escrito à pena com tinta preta.

12- Papel de dimensões 225 mm x 180 mm de cor cinzenta, sem filigrana visível, escrito à pena com tinta negra.

13- Papel de dimensões 205 mm x 162 mm de cor branca com cinco pontusais e sem filigrana visível, escrito à pena com tinta roxa.

14- Papel de dimensões 265 mm x 206 mm de cor branca, sem filigrana visível, ostentando no canto superior esquerdo um timbre, a seco, onde se podem ler, dispostas em arco as palavras «COLLEGIO DE STA QUITERIA» e, por baixo desse arco, ao centro «EM / FELGUEIRAS».

15- Papel de dimensões 218 mm x 164 mm de cor branca, pautado, escrito à pena com tinta arroxeada.

16- Papel de dimensões 260 mm x 207 mm de cor branca, pautado, escrito à pena com tinta acastanhada.

17- Papel de dimensões 224 mm x 179 mm de cor branca, com vestígios de uma pauta muito apagada, escrito à pena a tinta preta.

18- Papel de dimensões 227 mm x 178 mm de cor acinzentada escrito à pena a tinta preta.

19- Papel de dimensões 253 mm x 195 mm de cor branca, pautado, escrito à pena com tinta preta

21- Papel de dimensões 353 mm x 224 mm de cor branca, com vestígios d pauta, sem filigrana visível, ostentando no canto superior direito um timbre, a seco, onde se podem ler, dispostas em arco as palavras «COLLEGIO SENNA FREITAS» e, por baixo desse arco, ao centro «JUNDIAHY». Escrito à pena, com tinta preta.

22- Papel de dimensões 223 mm x 175 mm de cor branca, com vestígios d pauta, sem filigrana visível, ostentando no canto superior direito um timbre, a seco, onde se podem ler, dispostas em arco as palavras «COLLEGIO SENNA FREITAS» e, por baixo desse arco, ao centro «JUNDIAHY». Escrito à pena, com tinta preta.

23- Papel de dimensões 220 mm x 174 mm de cor branca, com nove pontusais e uma filigrana onde se distingue um brasão tendo ao centro as iniciais KM e, por baixo, os dizeres «KINGSMILL»

25- Papel de dimensões 413 mm x 270 mm de cor branca, sem filigrana visível, escrito à pena com tinta acastanhada.

26- Papel de dimensões 413 mm x 270 mm de cor branca, sem filigrana visível, escrito à pena com tinta preta.

BIBLIOGRAFIA:

ANONIMO, «Irradiações clássicas» *O Leme*, 1º anno, 2ª série, nº 21, São Miguel de Seide, 1 de Maio de 1913, pp. 2-3.

BASTOS, A. Magalhães, *Homens e casos de uma geração notável*, Porto, Progredior, 1938.

BRANCO, Camilo Castelo, *Noites de Insónia. Offerecidas a quem não pode dormir*, Porto, Chardron, 1874.

-----, «Jesuitas! por Paul Féval» *Narcóticos*, tomo II, Porto, Companhia Portuguesa Editora, 1920

-----, *Eccos Humorísticos do Minho*, Porto e Braga, Ernesto Chardron, 1880.

CABRAL, Alexandre, «José Joaquim de Sena Freitas» *Dicionário de Camilo Castelo Branco*, 2ª edição revista e aumentada, Lisboa, Caminho, 2003.

CASTILHO, António Feliciano de, «Especulação Religiosa», *Diário da Tarde* do Porto, Setembro de 1873.

-----, «Especulação Religiosa», *O Primeiro de Janeiro*, nº 203, Setembro de 1873 .

-----, «Carta ao redactor» *Diário Illustrado*, nº 424, 2º ano, 9 de Setembro de 1873.

Catalogo da Preciosa Livraria do Eminentissimo Escripitor Camillo Castello Branco contendo grande numero de livros raros, em diversas línguas, e muitos manuscritos importantes, a qual será vendida em leilão, em Lisboa, no próximo mº de dezembro de 1883, no local opportunamente annunciado, sob a direcção da Casa Editora de Mattos Moreira & Cardosos – Todos estes livros foram vendidos desde 1883 a 1884, Reimpresso em Famalicão, Typographia «Minerva», 1920.

COELHO, Trindade, *Gente do século XIX: Guerra Junqueiro, Camilo*, Lisboa, Ulmeiro, 1987

Cópia dos Documentos Relativos à Província Portuguesa do Arquivo da Casa Mãe da Congregação da Missão. Seccção Portugal, vol I e vol II, 1805-1905, (1879-1905), Província Portuguesa da Congregação da Missão (Lazaristas) Rua do Século, 152, Lisboa.

FREIRE, João Paulo «Duas cartas de Junqueiro» *Entre Gigantes!*, Lisboa, Guimarães, 1917, 27-32.

FREITAS, José Joaquim de Sena, «Explicações» *A Palavra*, 2º ano, nº 347, 25 de Setembro de 1873 reeditado com o título: «Carta ao Snr. Visconde de Castilho»

Esquivos Catholicos d'Hontem, Guimarães, Livraria Internacional de Teixeira de Freitas Editor, 1877.

-----, «Carta ao redactor», *Diario Illustrado*, 2º ano, nº 424, de 9 de Outubro de 1873.

-----, *O Perfil de Camillo Castello Branco*, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron Lugan & Genelioux, Successores, 1888.

-----, «Camillo Castello Branco» *Luctas da Pena*, tomo II, Lisboa, Typografia da Casa Catholica, 1902, pp. 203-204.

LASSERE, Henrique, *Evangelho segundo Renan ou Refutação da Vida de Jesus d'este Auctor por Henrique Lasserre, opusculo livremente transladado a portuguez da 25ª edição francesa e annotado pelo Padre J. J. Senna Freitas sob os auspicios do Snr. Visconde de Castilho*, Porto, Typographia da «Palavra», 1873.

MOREIRA, Alberto, *Junqueiro e Camilo, louvores e agravos. As relações entre o Gigante da prosa e o Príncipe da poesia*, Porto, Civilização, 1950.

NEVES, Moreira das, «Guerra Junqueiro e o Padre Sena Freitas» in *As Grandes Polémicas Portuguesas*, vol. II, Lisboa, Verbo, 1964-1967, pp. 319-349.

SILVA, Inocência Francisco da, «Abílio Manuel Guerra Junqueiro», *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo XX, Lisboa, Imprensa Nacional, 1911, pp. 77-79.